



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

MATHEUS COELHO CAMINI

FORJANDO O INVISÍVEL ATRAVÉS DO PENSAMENTO FICCIONAL E
DA IMAGINAÇÃO: a Capacidade Humana de Criar o Que Não Existe e
a Magnitude da Sua Importância Para o Desenvolvimento da Linguagem

Porto Alegre
2024

MATHEUS COELHO CAMINI

FORJANDO O INVISÍVEL ATRAVÉS DO PENSAMENTO FICCIONAL E
DA IMAGINAÇÃO: a Capacidade Humana de Criar o Que Não Existe e
a Magnitude da Sua Importância Para o Desenvolvimento da Linguagem

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
em Letras no Departamento de Linguística,
Filologia e Teoria Literária da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Elisa Battisti

Porto Alegre
2024

MATHEUS COELHO CAMINI

FORJANDO O INVISÍVEL ATRAVÉS DO PENSAMENTO FICCIONAL E
DA IMAGINAÇÃO: a Capacidade Humana de Criar o Que Não Existe e
a Magnitude da Sua Importância Para o Desenvolvimento da Linguagem

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
em Letras no Departamento de Linguística,
Filologia e Teoria Literária da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciado em Letras.

Porto Alegre, 6 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elisa Battisti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Cristiano da Silveira Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Samuel Gomes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos primeiros seres da nossa espécie, que uniram a capacidade de criar mundos imaginários ao desenvolvimento da linguagem e inventaram um universo de possibilidades e de palavras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com todas as forças à minha rocha: Minha querida mãe Maria Aparecida, que foi dona de casa e cuidou do lar, em uma época em que as mulheres eram submetidas e subtraídas a esta profissão em detrimento dos homens. Contanto, criou cinco filhos com a força sublime a quem só Milton Nascimento soube explicar: “Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta” (NASCIMENTO, Milton. Maria Maria. Clube da Esquina 2. Gravadora: EMI, 1978. Faixa 8). A ela devo também o gosto pela leitura, quando todas as noites eu pedia que ela lesse mais uma história de fantasia para mim e ela acatava, dando a mim a capacidade de sonhar sem sair do lugar. Fui criado por mulheres para ser filho da esperança, aquela que nos faz continuar, mas também faz doer a espera do que não chega. Foi na infância que aprendi a esperar por criaturas e seres presentes apenas na imaginação e foram mulheres como a minha avó, as minhas tias e a minha mãe que me ensinaram que não é porque se trata de ficção que as coisas não existam, elas apenas ficam "meio que encantadas" na memória e são transformadas pela nossa percepção de mundo.

"O imaginário é o que define a condição humana do homem."

Angel Pino

RESUMO

Este trabalho, produzido em tom ensaístico, investiga a interação entre linguagem e imaginação na evolução humana, com foco na capacidade de criar ficções e usar a imaginação. Foram exploradas várias teorias sobre a origem e a evolução dessas habilidades, desde a perspectiva de que a linguagem surgiu como uma ferramenta de comunicação primordial para a sobrevivência, até visões de que a imaginação pode ter surgido antes da linguagem como recurso criador para o desenvolvimento de grandes habilidades. Foi adotada uma abordagem evolutiva para entender como a linguagem, a ficcionalização e a imaginação se desenvolveram e como esses elementos contribuíram para a adaptação e a cooperação humanas. Além disso, foi aprofundada a relação entre ficção, imaginação e identidade cultural, destacando como ideias complexas, valores culturais e conhecimento são transmitidos através de narrativas coletivas e memória cultural. Finalmente, discutimos a imaginação como impulsionadora da criatividade linguística, explorando os mecanismos pelos quais a linguagem pode criar novas realidades, como a linguagem é enriquecida através de conceitos abstratos e como inovações linguísticas surgem da imaginação criativa, analisando a importância da imaginação no desenvolvimento da linguagem e como a capacidade de imaginar permite aos seres humanos expressar ideias não apenas relacionadas à sobrevivência, mas também à criatividade e à inovação. Este estudo oferece uma visão abrangente da interação entre linguagem, ficção e imaginação, contribuindo para uma melhor compreensão de como esses elementos moldam nossa percepção de mundo e nossa capacidade de interagir dentro dele.

Palavras-chave: Linguagem; Imaginação; Ficção.

ABSTRACT

This work, constructed as an academic essay, investigates the interaction between language and imagination in human evolution, focusing on the ability to create fictions and use imagination. Various theories about the origin and evolution of these abilities were explored, from the perspective that language emerged as a primary communication tool for survival, to views that imagination may have arisen before language as a creative resource for the development of great skills. An evolutionary approach was adopted to understand how language, fictionalization, and imagination developed and how these elements contributed to human adaptation and cooperation. In addition, the relationship between fiction, imagination, and cultural identity was deepened, highlighting how complex ideas, cultural values, and knowledge are transmitted through collective narratives and cultural memory. Finally, we discussed imagination as a driver of linguistic creativity, exploring the mechanisms by which language can create new realities, how language is enriched through abstract concepts, and how linguistic innovations arise from creative imagination, analyzing the importance of imagination in the development of language and how the ability to imagine allows humans to express ideas not only related to survival, but also to creativity and innovation. This study offers a comprehensive view of the interaction between language, fiction, and imagination, contributing to a better understanding of how these elements shape our perception of the world and our ability to interact within it.

Keywords: Language; Imagination; Fiction

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	UM MUNDO DE POSSIBILIDADES: A IMAGINAÇÃO COMO CRIADORA DE MÚLTIPLOS UNIVERSOS	15
2.1	A imagem, o imaginário, o imaginante e a realidade humana	19
2.1.1	O real, o imaginário e o simbólico	21
2.1.2	A possibilidade de imaginar para além do palpável e do concreto	25
2.1.2.1	Criando e compreendendo ficções e coisas que não existem através da ideia de identidade	27
2.1.3	A dimensão social do imaginário	31
3	LINGUAGEM, FICCIONALIZAÇÃO E IMAGINAÇÃO: UMA ABORDAGEM EVOLUTIVA	33
3.1	A revolução cognitiva da espécie: A imaginação e a ficcionalização na dianteira do debate	35
3.1.1	Os caminhos tortuosos e fantásticos da mente: Símbolos	39
3.1.2	Capacidade intelectual, conexão genética e singularidade cognitiva	42
3.1.2.1	Explorando possibilidades e fortalecendo habilidades sociais: Cooperação, adaptação e comunicação	44
4	FICÇÃO, IMAGINAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL	47
4.1	Narrativas coletivas e memória cultural	48
4.2	Ficção para além da expressão literária	53
5	IMAGINAÇÃO COMO IMPULSIONADORA DA CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA: O ENRIQUECIMENTO DA LINGUAGEM ATRAVÉS DE CONCEITOS ABSTRATOS	59
5.1	Metáfora como exemplificação notória do aporte da imaginação e da ficção na linguagem	61
5.2	Inovações linguísticas que surgem da imaginação criativa – Nossos Dias	64
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana é uma das maiores invenções da humanidade, que nos permite comunicar, pensar, criar e transformar o mundo. Mas o que torna a linguagem humana tão especial e diferente das outras formas de comunicação animal? Uma das respostas possíveis é a imaginação¹, ou seja, a capacidade de criar e manipular representações mentais de coisas que não existem ou que não estão presentes na realidade. A imaginação é um dos fatores que possibilita a linguagem humana ser simbólica, criativa, expressiva. A linguagem é o tecido que costura a tapeçaria da sociedade humana, uma ferramenta multifacetada que vai além da mera transmissão de informações, alcançando a essência da expressão humana e da compreensão do mundo. Nesse contexto, explorar a intrincada relação entre imaginação, ficção e linguagem, objetivo deste trabalho, revela-se uma jornada fascinante, que nos conduz pelos meandros da comunicação e da história de nossa cultura. Para fazermos isso, é necessário entendermos e questionarmos a linguagem em sua amplitude, entendendo que ela é a base sobre a qual construímos nossas interações, transmitimos nossos pensamentos, compartilhamos nossas histórias e, em última instância, moldamos nossa realidade coletiva. Ela transcende a mera comunicação verbal, sendo um artefato cultural que reflete a nossa identidade, criando valores compartilhados no extenso mundo de ações do cotidiano. Entender o simples ato de transmitir informações e comunicar-se não é uma tarefa fácil, somos envoltos em símbolos e representações complexas que nos dizem respeito acerca da nossa evolução enquanto espécie.

Eklund (2007) nos lembra que a busca pela origem, seja da vida, da Terra ou do universo, é um território especulativo em todas as ciências. A evolução da linguagem é um campo permeado por mistérios, e a comunidade científica, em determinado momento, afastou-se até mesmo de discutir sua origem, considerando todas as teorias propostas como “contos de fadas”, como mencionado por Chomsky (2002). As teorias sobre a evolução da linguagem variam em plausibilidade. No entanto, como aponta Eklund (2007), no século XX, a origem da linguagem retornou ao centro do palco científico e grandes pensadores puderam criar teorias únicas para tentar explicar essa poderosa ferramenta.

Uma coisa sabemos com base em dados arqueológicos: Os homínídeos, que incluem os ancestrais dos seres humanos modernos,

experimentaram um aumento gradual no tamanho do cérebro ao longo da evolução (LEAKEY, 1995). No entanto, é importante notar que o tamanho absoluto do cérebro nem sempre é o único indicador relevante. O que também é crucial é a relação entre o tamanho do cérebro e o tamanho do corpo, conhecida como o índice de encefalização (JERRISON, 2012). Os primeiros hominídeos, como os *Australopithecus*, tinham cérebros relativamente pequenos em comparação com os seres humanos modernos. A mudança mais notável ocorreu com a espécie *Homo habilis* e seus descendentes, que incluem o *Homo erectus*. O *Homo sapiens*, a espécie humana moderna, surgiu há aproximadamente 300.000 anos e os seres humanos modernos têm cérebros relativamente grandes em comparação com outros primatas não humanos (JERRISON, 2012). Durante o curso da evolução humana, houve uma expansão considerável do córtex cerebral, a parte mais externa do cérebro associada a funções cognitivas superiores e à imaginação. Desde a ascensão do *Homo sapiens*, o tamanho médio do cérebro humano não experimentou mudanças significativas. No entanto, é importante notar que a evolução não é um processo constante e linear. Diversos fatores, como pressões seletivas ambientais, mudanças no estilo de vida e adaptações culturais, também desempenharam papéis importantes na evolução humana (DARWIN, 2018). O nosso cérebro triplicou de tamanho com os milhares de anos e não podemos descartar a hipótese de que com ele também evoluíram as sinapses e os processos cognitivos dos seres humanos, permitindo uma comunicação mais eficaz e rica ao longo da história (LEAKEY, 1995). Isso também nos capacitou a criar ferramentas para a nossa sobrevivência, a dominar o fogo e a imaginar novos mundos? Ao compreender a linguagem, desvendamos os fios invisíveis que conectam as mentes humanas. Como algo tão complexo e arbitrário pôde inundar o nosso mundo de imagens e conseguiu gerar diferentes tipos de comunicações que usamos hoje? Mas a linguagem em si, não seria nada sem outra poderosa ferramenta: a ficção. A capacidade de criar mundos que não existem e a partir deles construir grandes círculos de cooperação, sociedades, dinheiro, religiões, mitos e lendas etc. A ficção, neste trabalho, conversa com o poder da imaginação, pois ao ficcionalizarmos coisas que não existem na realidade material e transformá-las em possíveis de serem criadas, estamos atendendo a diversas habilidades e competências que foram construídas ao longo de milhares de anos². Neste contexto, a ficção emerge como uma força catalisadora na história. Não é apenas um meio de

entretenimento, mas uma forma de expressão que desafia, expande e redefine os limites da linguagem. Através da ficção, exploramos mundos imaginários, experiências criativas e, paradoxalmente, alcançamos uma compreensão mais profunda da realidade que habitamos. Antes de adentrarmos nos intrincados laços entre imaginação, ficção e linguagem, é imperativo delinear nossos conceitos. A ficção, neste contexto, é mais do que narrativas inventadas; é um terreno fértil onde a imaginação floresce, dando vida a conceitos que transcendem a realidade tangível. A imaginação, por sua vez, é a chama que alimenta a criação ficcional, permitindo-nos explorar territórios ainda não mapeados pela experiência. Como fazemos isso? Ao olharmos para trás, percebemos que a evolução da linguagem e da imaginação está entrelaçada (LEAKEY, 1995). Desde os primórdios da humanidade, nossos antepassados utilizavam narrativas orais e representações artísticas para compartilhar conhecimento, expressar emoções e dar sentido ao mundo ao seu redor. Essa maneira de representar o mundo através de imagens criadas pela mente e transmitidas de geração em geração criou a segurança que precisávamos para estabelecer a linha de apoio que nos fez migrar de uma terra para outra, criar civilizações e dominar os mares. O apoio em crenças compartilhadas expandiu a interconexão entre a imaginação, a capacidade de ficcionalização diante das coisas a nossa volta e a sua relação com a linguagem humana propriamente dita (STRAUSS, 1964). A revolução cognitiva transformou a nossa linhagem ancestral e a maneira como vemos as coisas, inundando a nossa realidade de uma linguagem única para podermos cooperar e sobreviver em grande escala. A linguagem, por sua própria natureza, é uma construção ficcional. Cada palavra é um símbolo, uma representação abstrata de conceitos, objetos ou emoções. Ao tecer frases e histórias, estamos constantemente envolvidos na criação de realidades linguísticas que transcendem artifícios para tentarmos explicar, por exemplo, os fenômenos da natureza, os mistérios que envolvem a nossa vida na Terra, além de, com o tempo, termos inventado sistemas de escrita, leis e códigos legais, construções, empresas, ideologias, constituições, documentos afins etc (EKLUND, 2007). Todas essas coisas estabelecem normas que, embora não sejam tangíveis, têm impacto direto na vida das pessoas. Por exemplo, a concepção de propriedade privada é uma construção linguística que cria uma realidade legal em torno da posse de bens; o dinheiro é uma ficção compartilhada que tem um impacto concreto em nossas vidas porque concordamos que têm, e

essa ficção linguística facilita a complexidade das transações econômicas; a literatura é um terreno fértil para a criação de realidades ficcionais: romances, contos e poemas transportam leitores para mundos imaginários, criando personagens, lugares e eventos que existem apenas nas palavras do autor (ISER, 2013). Pensar o mundo através de “um algo” que se antecipa à linguagem para dar a ela a possibilidade de existir talvez seja um pouco audacioso, mas grandes pensadores antigos e modernos conseguiram mapear através da filosofia, da arqueologia, da psicologia, entre tantas outras áreas do saber, a função do *Imaginar* dentro do cérebro. O que pode ser mais impressionante do que refletir a nossa natureza pensante para além dos limites propostos para o próprio pensamento?

Na contemporaneidade, a imaginação continua a desempenhar um papel vital em nossa experiência cotidiana. Desde a criação de narrativas em mídias digitais até a inovação tecnológica baseada na concepção mental de possibilidades futuras, a imaginação molda ativamente a nossa realidade presente e futura. Takaya (2004) sustenta a ideia de que a imaginação não se assemelha a um programa de computador ou a um órgão físico, mas é uma capacidade distintamente humana. A autora destaca a dificuldade de identificar a imaginação como um objeto tangível, ressaltando a necessidade de reflexão sobre esse fenômeno. A abordagem multidisciplinar é apontada como essencial para a compreensão da imaginação, uma vez que sua natureza evanescente requer diferentes perspectivas para enriquecer a compreensão do tema.

No escopo dos objetivos deste trabalho, destaca-se a ênfase na importância da ficção e da imaginação no processo histórico-evolutivo, ressaltando o processo cognitivo como fundamental para a significação de representações mentais que fomentam a imaginação dentro do cérebro. Além disso, é de suma importância elucidar os processos sociais e culturais da imaginação na construção da identidade pessoal e cultural de cada indivíduo. A hipótese apresentada sugere que a imaginação é a função do *Imaginante*: Aquele que vivencia condições neurais propícias para o desenvolvimento de uma “Imaginação da Linguagem” e não o contrário, segundo as minhas próprias palavras. É mister pensar que a imaginação pode ter surgido, inclusive, antes da linguagem propriamente dita, dando-lhe corpo e criando possibilidades que nos dotaram de conhecimentos chamados “ficcionais”. Ficcional porque deram ao ser humano a habilidade de criação para além das estruturas mais simplificadas e organizadas do

cérebro e fizeram com que gerássemos mundos de possibilidades para justificar a nossa ânsia pelo novo (EKLUND, 2007). A criatividade do ato imaginativo confia à nossa língua às figuras de linguagem e suas funções interpretativas ao vê-las como aspectos da realidade, ressaltando-se aí a capacidade da imaginação de deslocar objetos de sua maneira habitual de ser. A análise histórica revela a resistência da psicologia em abordar a imaginação como um tema sério, excluindo-a de "temas importantes" associados a realidades mentais (VYGOTSKY, 1986). A importância das imagens mentais na cognição é destacada, reconhecendo as dúvidas e divergências que persistem entre os pesquisadores ao longo dos séculos em relação à formação do pensamento, da vontade de pensar e de suas estruturas complexas. O estudo da imaginação ressalta sua característica de apresentar o mundo e seus objetos como pura possibilidade, proporcionando ao homem uma relação com a ficção como uma estrutura aberta. A imaginação, ao reordenar imagens percebidas, cria uma dimensão possível, mas não necessariamente real.

Esta jornada, realizada em tom ensaístico neste trabalho, nos conduzirá a uma compreensão mais ampla das interações entre imaginação e linguagem e a construção coletiva de mundos simbólicos que permeiam a nossa existência através do estudo da nossa mente, da nossa cultura e da complexidade que tudo isso encerra.

2 UM MUNDO DE POSSIBILIDADES: A IMAGINAÇÃO COMO CRIADORA DE MÚLTIPLOS UNIVERSOS

Tanto para a filosofia realista quanto para o comum dos psicólogos, é a percepção das imagens que determina os processos de imaginação. Para eles, vemos as coisas primeiro, imaginamo-las depois; combinamos, pela imaginação, fragmentos do real percebido, lembranças do real vivido, mas não poderíamos atingir o domínio de uma imaginação fundamentalmente criadora. Para combinar ricamente, é mister ter visto muito. O conselho de bem ver, que forma o fundo da cultura realista,

domina sem dificuldade o nosso paradoxal conselho de bem sonhar (p. 2-3) (BACHELARD, 2001)

A imaginação é uma faculdade humana extraordinária que permite conceber ideias, mundos e experiências que ainda não existem³. Essa capacidade criativa tem sido fundamental ao longo da história humana, impulsionando avanços culturais, científicos e artísticos. Mas como acontece esse processo em nossas mentes? Uma das primeiras pessoas a pensar a Imaginação foi o filósofo Descartes, que estava interessado em entender como pensamos e como podemos ter certeza das coisas. Ele separou a imaginação, que envolve as sensações que percebemos com nossos sentidos, do pensamento puro. Ele acreditava que a certeza sobre quem somos como seres pensantes vem do pensamento, não da imaginação (DESCARTES, 2015). Descartes também destacou que a linguagem não é fundamental para o nosso pensamento; é apenas um meio de comunicar nossas ideias, mas as ideias em si existem independentemente das palavras. Segundo Descartes, a diferença entre ideia e pensamento reside no conteúdo e na origem (DESCARTES, 2015). Uma ideia é uma representação mental de algo, uma imagem ou conceito na mente. Essas ideias podem ser simples ou complexas e podem se originar tanto das sensações externas (ideias adventícias) quanto das operações da mente (ideias factícias e fictícias) (DESCARTES, 2015). Por outro lado, o pensamento para Descartes envolve uma atividade mais complexa da mente, que vai além da simples representação de uma ideia. Pensar envolve o ato consciente de analisar, raciocinar, deduzir, imaginar, duvidar, entre outros processos mentais. Assim, enquanto uma ideia pode ser uma representação passiva na mente, o pensamento implica uma atividade mental ativa e deliberada (DESCARTES, 2015). No cenário intelectual da era moderna, Descartes destemidamente se distancia da tradição aristotélica. Aristóteles usava a expressão “phantasia” como a capacidade de reter uma impressão sensorial mesmo na ausência do objeto que causou a impressão. É a habilidade de ter uma representação mental de algo que não está presente no momento (ARISTÓTELES, 2013). A phantasia está intimamente ligada à percepção. Aristóteles argumenta que a experiência sensorial é armazenada na phantasia, permitindo que o organismo mantenha uma representação mental daquilo que percebeu (ARISTÓTELES, 2013). Além de sua função na percepção, a phantasia

também desempenha um papel na memória. As experiências sensoriais retidas pela phantasia contribuem para a formação de memórias. Aristóteles enfatiza que a phantasia é uma etapa intermediária entre a percepção sensível e o pensamento racional. Através da phantasia, as impressões sensoriais são convertidas em imagens mentais que podem ser manipuladas pela razão. A capacidade de formar imagens mentais através da phantasia é crucial para a cognição humana. Essas imagens são a base para a atividade intelectual e racional (ARISTÓTELES, 2013). Aristóteles se desvencilha da influência da imaginação, enquanto Descartes a separa do pensamento, um ato que reverbera através dos séculos. A certeza de si mesmo como um ser pensante assume posição central, afastando-se das intrincadas teias da imaginação com o conceito de ilusão. Neste contexto, a natureza enganosa das imagens é associada ao corpo, enquanto a verdade se aloja na segurança do pensamento (DESCARTES, 2015). A narrativa cartesiana, focada no uso da razão para desenvolver as ciências naturais, ressalta que a imaginação não é inerente à essência do espírito, pois, despojada dela, o espírito permanece imutável. A imaginação, por sua vez, é atrelada ao corpo, delineando uma fronteira crucial entre pensamento e imaginação e rumando para a compreensão da verdade (DESCARTES, 2015). Portanto, Descartes considerava a imaginação como uma faculdade passiva e mecânica. Ele a via como dependente das representações claras e distintas fornecidas pela razão. A imaginação, para Descartes, podia ser enganosa e era menos confiável do que o pensamento claro e distinto, enquanto, para Aristóteles, a imaginação era uma faculdade ativa e criativa da memória. Ele via a imaginação como a capacidade de reter e manipular imagens sensoriais, desempenhando um papel fundamental na formação de conceitos e no processo de pensamento. Concomitante a esses processos, explorados na antiguidade por Aristóteles e na filosofia moderna por Descartes, podemos pensar uma “linguagem da imaginação” presente em autores como Vygotsky (2008), que acreditava que a linguagem e o pensamento estão interligados no desenvolvimento da cognição humana. Ele via a linguagem como uma ferramenta mediadora entre o pensamento individual e o mundo externo, bem como entre os indivíduos durante a interação social. Vygotsky argumentava que o pensamento e a linguagem estão interligados desde o nascimento e que a linguagem desempenha um papel fundamental na organização do pensamento e na internalização de processos mentais superiores. Para Vygotsky, a linguagem é primordial para

que haja intersecção entre valores sociais aprendidos e a produção de imagens que vão sendo desniveladas com a observação da realidade, o que culmina no processo da imaginação em nosso cérebro (VYGOTSKY, 1984). Sartre (2008), algumas décadas depois, inaugura novos conceitos para a ideia de “Imaginação”, conceituando e aprofundando o termo “Imagem” para desnivelar a sua produção dentro da percepção e produção de imagens e relega essa percepção a dois conceitos importantes em sua obra: “O imaginário e o Imaginante”. No contexto da fenomenologia existencialista, ele abrangia uma visão mais complexa da imaginação. Ele a considerava parte integrante da consciência e da liberdade humanas (SARTRE, A Imaginação, p. 31). Conforme a visão sartriana, ele descreve "o imaginar" como uma faculdade mental que possibilita a representação de objetos segundo aquelas qualidades deles que são dadas à mente através dos sentidos. Na filosofia, isso acontece quando a influência do subconsciente se manifesta de maneira mais proeminente do que a consciência. Essa abordagem fenomenológica de Sartre destaca a complexidade da imaginação como um processo influenciado por percepções intrasensoriais e elementos subconscientes, contribuindo para uma compreensão mais profunda da natureza humana e da construção da realidade que habitamos dentro das nossas mentes.

É imprescindível que estejamos conscientes de algo, e essa relação é fundamental para a existência humana. A imaginação, para Sartre, é uma forma de liberdade que é construída dentro da consciência, pois possibilita a criação de significados e a escolha de perspectivas diante de ideias que criem significados a partir do mundo tátil. Em seu livro “A Imaginação” (1936), o autor ressalta que em toda a tradição filosófica, a imaginação é pensada a partir de categorias espaciais, o que implica tomar a imagem como algo capaz de ocupar um lugar no espaço, supondo-se, pois, uma correlação inequívoca entre ela e a natureza da coisa. É nesse sentido que o autor afirma que, para essa tradição, a imagem “não poderia ser animada de consciência. Ela é um objeto tanto quanto o são os objetos exteriores” (SARTRE, p. 39). Essa ideia nos faz pensar nessa concepção como uma certa redução da consciência à condição de passividade. Conforme o filósofo francês, a imaginação é “uma condição essencial e transcendental da consciência”, de sorte que a realidade humana é mediada pela consciência que imagina. Isso significa que ela está ancorada sobre esse modo de ser da consciência (SARTRE, p. 245). O discurso irrealizante da

imaginação construiria, assim, um mundo imaginário capaz de nos reinscrever no seio da realidade mesma, mas de forma mais efetiva. Na visão moderna, não podemos mais ver a imagem como algo que existe apenas na mente humana sem quaisquer implicações, o que suscita pensar a imagem como produto da imaginação e dos processos mentais que se originam dela. Isso significa que a imagem não é apenas uma representação mental passiva, mas tem um impacto significativo em nossa percepção e interpretação do mundo. A imagem é mais do que uma mera representação mental - é um ato deliberado da consciência que imagina. Em outras palavras, quando criamos uma imagem em nossa mente, estamos fazendo uma escolha consciente para visualizar algo de uma certa maneira.

2.1 A IMAGEM, O IMAGINÁRIO, O IMAGINANTE E A REALIDADE HUMANA

Ao pensar a capacidade ficcionalizante e a imaginação, é essencial que possamos entender primeiramente três conceitos primordiais da área dos estudos da filosofia relacionados à imaginação e à representação mental de imagens: a imagem, o imaginário e o imaginante. Podemos notar que a ideia de “imagem” já estava presente nas obras de Aristóteles, especialmente quando ele discutia a faculdade da imaginação (*phantasia*) e sua relação com a percepção e o pensamento. Muito tempo depois, Descartes reconhece a imaginação como uma faculdade que representa objetos de maneira mais vívida e clara do que a faculdade puramente intelectual. Ele a descreve como uma capacidade de criar imagens mentais (DESCARTES, 2004). Segundo Sartre, o imaginário diz respeito à capacidade humana de criar e representar mentalmente imagens de maneira consciente. Ideias e conceitos que não estão presentes de forma concreta no mundo físico são distorcidos pela mente. É um processo cognitivo que permite ao ser humano criar e recriar realidades através de simulações mentais, explorar possibilidades, construir significados e abstrações. O conceito engloba os aspectos imaginativos, fantasiosos e criativos do pensamento, permitindo a construção de narrativas, mitos, símbolos e representações que vão além do que é meramente factual ou concreto. A abordagem de Gilbert Durand (2002) proporciona uma perspectiva original sobre a concepção sartriana de imaginário. Segundo Durand, o imaginário não é apenas uma capacidade de elaborar simulacros

de objetos materialmente percebidos, mas também uma resposta à angústia existencial diante da experiência "negativa" da passagem do tempo (DURAND, 2002). A ideia central é que o imaginário, conforme entendido por Durand, não é apenas uma faculdade de criar imagens, mas também uma forma de lidar com as complexidades e desafios inerentes à existência humana, especialmente em relação à inevitabilidade do tempo e das mudanças que ele traz. Durand sugere que essa resposta à angústia existencial se manifesta como um acervo cultural de imagens, um conjunto de representações simbólicas que o *Homo sapiens* construiu ao longo de diferentes períodos históricos (DURAND, 2002). Esse acervo cultural de imagens não apenas reflete a criatividade humana, mas também marca um trajeto antropológico, indicando uma evolução ou transformação na maneira como os seres humanos interpretam e respondem às questões fundamentais da existência ao longo do tempo.

Segundo Pino (2006, p. 54), os termos imaginário e imaginação coincidem apenas parcialmente. Embora assuma sua preferência pela palavra imaginário, para referir-se ao poder criador do homem, Pino não chega a explicitar como concebe suas diferenças em relação ao termo imaginação, mais comum na tradição filosófica e psicológica. Para Pino, o imaginário - enquanto poder criador desenvolvido pela humanidade no decorrer da história - deve apresentar-se em cada um dos homens como processo subjetivo que antecede os seus atos de criação, de efetivação no plano do real ou do simbólico daquilo que havia sido produzido no campo do imaginário. Nesta direção, o campo do imaginário é um campo da subjetividade restrita, "ao qual só o sujeito tem acesso antes que seus conteúdos se tornem expressões objetivas da subjetividade" (PINO, 2006, p. 54). Castoriadis (1982; 1992) trata das questões do imaginário em sua dimensão social-cultural, mas também aborda alguns aspectos de sua dimensão psicológica, subjetiva, individual como imaginação - e em suas relações com as instituições e o simbólico, particularmente com a linguagem. A capacidade produtiva, criativa do imaginário consiste em sua principal característica. Para ele, a criação é compreendida como a disposição de fazer surgir o que não estava dado e a imaginação, como a capacidade de colocar novas formas, sendo ambas comuns a todos os homens. Em seus escritos, Castoriadis (1982; 1992) elabora uma distinção crucial entre o imaginário radical e o imaginário efetivo ou imaginado. O imaginário radical é entendido como a habilidade de transformar em imagem

algo que não é e nunca foi; como a capacidade de ver na consciência o que não é, de percebê-lo de maneira diferente do que é; como a faculdade original de representar aquilo que não existe sob a forma de uma imagem; como a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem. Apesar da necessidade de questionar a proposição de um imaginário que se confunde com o inconsciente freudiano, especialmente ao considerar "a visão do materialismo histórico e dialético, da qual Castoriadis parece estar próximo" (PINO, 2006, p. 55), é na concepção de imaginário radical que Pino enxerga a oportunidade de pensar o imaginário como uma "fábrica de produção", uma usina geradora de imagens.

Conforme Pino (PINO, 2006, p. 55), é fácil admitir que as imagens são a "matéria-prima" da atividade imaginária, embora nosso conhecimento sobre sua natureza e os processos de elaboração, conservação e evocação ainda seja limitado. A questão da imagem e das diferentes perspectivas sobre seu funcionamento suscita a tensão entre a reprodução da realidade e a criação do novo. É aqui que encontramos uma chave fundamental para problematizar nossa compreensão sobre o desenvolvimento da atividade imaginária na ontogênese e suas implicações para o nosso cérebro desde o dia em que nascemos. Na visão de Pino, se considerarmos o imaginário como a capacidade criativa do ser humano, podemos postular a existência de uma função específica - a função imaginária - que se destaca entre outras funções humanas, como memória e percepção. O autor enfatiza que falar da função imaginária apresenta desafios, como a natureza do material com o qual essa função trabalha e a relação das produções imaginárias com o que chamamos de real e simbólico (PINO, 2006, p. 57).

Segundo Pino (PINO, 2006, p. 55), pode-se admitir com facilidade que as imagens são a "matéria-prima" da atividade imaginária, embora ainda saibamos muito pouco a respeito de sua natureza e dos processos de sua elaboração, conservação e evocação. O problema da imagem e dos modos de compreendê-la suscita toda tensão inerente às visões sobre o funcionamento imaginário, especialmente a tensão entre reprodução da realidade e criação do novo. O "material básico" da atividade da imaginação são as imagens e, se a imagem é "uma espécie de reprodução da realidade" e as imagens humanas são de "natureza simbólica, detentoras de significação", a natureza da imagem também parece implicar as relações entre a produção imaginária, real e simbólica.

2.1.1 O real, o imaginário e o simbólico

No âmbito das reflexões sobre as interações entre o real, o simbólico e o imaginário, surge a necessidade de aprofundar a compreensão da natureza do material manipulado pela função imaginária. A abordagem de Pino (2006, p. 55) destaca que as imagens constituem o "material básico" da atividade imaginativa, e a questão crucial emerge quando consideramos a imagem como uma "espécie de reprodução da realidade" e, simultaneamente, como portadora de natureza simbólica e significação. Essa dualidade implica estabelecer complexas relações entre a produção imaginária, o real e o simbólico.

A visão de Vygotsky (1984) sobre as relações entre a atividade imaginária e a realidade é reconhecida, destacando três formas fundamentais de conexão. Primeiramente, toda criação imaginária parte de elementos da realidade, realizando uma modificação e reelaboração desses elementos. Em seguida, a imaginação possibilita o conhecimento do real por meio da experiência do outro, ampliando a vivência humana ao criar imagens de lugares, eventos e objetos nunca vistos. Uma terceira relação destaca a capacidade das imagens fantásticas de evocar emoções e sentimentos reais, mesmo que não coincidam logicamente com a realidade. Por fim, a imaginação pode gerar algo completamente novo, conferindo-lhe existência própria na realidade (VYGOTSKY, 1984). Essa trajetória da imaginação, desde a absorção de elementos da realidade até a criação de algo totalmente novo, ilustra o ciclo completo da atividade imaginativa. Os produtos imaginativos, após uma complexa reelaboração interna, retornam à realidade como uma força ativa e transformadora da linguagem (VYGOTSKY, 1984).

A atividade imaginativa, portanto, opera tanto ao utilizar a realidade como matéria-prima quanto ao gerar novas (ir)realidades. A capacidade de recombinar elementos vivenciados, impressões e imagens parece caracterizar a imaginação, sendo a imagem, para Vygotsky, a base dessa atividade que combina e cria. A relação entre imaginação e realidade é explicitada pela importância da direção da consciência na imaginação, que consiste em se afastar da realidade, permitindo uma atividade autônoma da consciência. A penetração mais profunda na realidade requer uma atitude mais livre da consciência em relação aos elementos dessa realidade, indo

além do aspecto externo percebido na percepção primária (VYGOTSKY, 1984).

A concepção vygotskyana representa uma ruptura com noções tradicionais de imitação e reprodução de imagens como cópias. Essa mudança é possibilitada pelo papel central que Vygotsky atribui à linguagem no desenvolvimento ontogenético da imaginação e mais precisamente aos seus trabalhos com a infância. É imprescindível que entendamos como ela passa a acontecer quando chegamos ao mundo e os nossos primeiros passos junto dela em direção à criação da percepção de que estamos vivos. A imaginação oferece à criança, por exemplo, a liberdade de extrapolação além das impressões imediatas, expressando aquilo que não coincide exatamente com a combinação de objetos reais ou ideias correspondentes (VYGOTSKY, 2001). Pino (2006, p. 55) destaca que o homem pode produzir imagens simbólicas, transformando imagens naturais, e é o caráter semiótico dessas imagens que viabiliza a atividade criadora da nossa espécie. As relações entre o real, o imaginário e o simbólico tornam-se complexas, pois a própria linguagem, enquanto produção humana, implica a atividade criativa do imaginário. Com isso, podemos dizer que nascemos com essa capacidade e a desenvolvemos durante o contato com o outro, através da comunicação, da observação e do ato reflexivo. O simbólico não apenas expressa o imaginário, mas também existe em interdependência com ele (CASTORIADIS, 1992). Essa intrincada rede de coimplicações entre o real, o simbólico e o imaginário na atividade imaginativa conduz à impossibilidade, segundo Vygotsky (1984), de compreender a imaginação como uma função psíquica isolada. Para o autor, a imaginação deve ser entendida como um sistema psicológico de natureza interfuncional, destacando sua complexidade e inter-relação com outras funções psíquicas.

Ao abordar o desenvolvimento da imaginação na infância, Vygotsky (1984, p. 126) direciona sua atenção para as complexas relações entre pensamento, emoções e imaginação. Ele destaca que, em diversas atividades imaginativas, ocorrem relações peculiares entre essas funções, configurando a imaginação como uma atividade psíquica complexa que envolve a interação de várias funções em suas relações específicas, delineando o que pode ser considerado um sistema psicológico (VYGOTSKY, 1998). Pino (2005, p. 98), permite articular os dois sentidos, considerando que toda posição social e psicológica é função de outra que a constitui. Vygotsky (1996, p. 113) destaca que toda função superior está

dividida entre duas pessoas. É necessário que a criança tenha o contato com o outro no mundo para constituir um processo psicológico mútuo, e a relação entre essas funções desempenha um papel central na formação das complexas conexões psicológicas, sendo um meio de comunicação que conecta funções psíquicas de caráter social (VIGOTSKI, 1996, p. 114).

A noção de sistema psicológico, para Vygotsky (1996), implica a constante possibilidade de surgimento de novas, mutáveis e complexas relações entre funções. Durante o desenvolvimento cultural, o que se transforma não são apenas as funções em si, mas principalmente as relações entre elas, gerando novas possibilidades de funcionamento psíquico (VYGOTSKY, 1996). A análise de Vygotsky sobre o desenvolvimento da imaginação destaca essas transformações nas relações interfuncionais. Na infância, a atividade imaginária se assemelha à situação real que a criança representa, próximo à imitação e à memória. Com o desenvolvimento da linguagem, a criança passa a agir no campo das significações, originando o pensamento abstrato, portanto, a contribuição da imaginação no processo de desenvolvimento de linguagens mais complexas e seu papel na transição do pensamento concreto para o abstrato são elementos fundamentais. A atividade imaginária inicial da criança é "eidética", reproduzindo percepções reais assistidas. Contudo, na transição para o pensamento abstrato, as imagens eidéticas são transferidas para a esfera da imaginação, modificando sua função psíquica básica. A abstração incorpora-se ao funcionamento imaginativo, conduzindo a uma transição de uma fantasia imitativa para uma fantasia criativa e produtiva (VYGOTSKY, 2010). No contexto da natureza da imagem, Vygotsky (1996) sugere que os materiais sobre os quais a imaginação opera não permanecem invariáveis durante o desenvolvimento ontogenético ou em diferentes atividades imaginárias. O caráter semiótico das imagens humanas, conforme Pino (2006), varia entre a imagem eidética e o conceito verbal. Vygotsky reconhece que, apesar de a "curva da evolução da imaginação" poder declinar na vida adulta, a imaginação persiste onde há uma mínima parte da vida criativa (VYGOTSKY, 2010). Vygotsky também destaca que a distribuição desigual das possibilidades de criação entre as classes sociais reflete as condições sociais privilegiadas, construindo realidades distintas relacionadas ao mundo a que pertencem as pessoas. As práticas sociais e a participação na vida social influenciam os modos de agir dos indivíduos, e o significado de uma função na consciência das pessoas origina-se da

ideologia do grupo social ao qual pertencem (VYGOTSKY, 1996). O autor destaca a complexidade das relações interfuncionais, a influência da linguagem na transição entre a reprodução de percepções reais e a criação abstrata, e a importância do contexto social na formação dos sistemas psicológicos.

Para Pino (PINO, 2006, p. 54), o imaginário – enquanto poder criador desenvolvido pela humanidade no decorrer da história – deve apresentar-se em cada um dos homens como processo subjetivo que antecede os seus atos de criação, de efetivação, no plano do real ou do simbólico, daquilo que havia sido produzido no campo do imaginário. Castoriadis (1982; 1992) trata das questões do imaginário em sua dimensão social-cultural – mas também aborda alguns aspectos de sua dimensão psicológica, subjetiva, individual como imaginação – e em suas relações com as instituições e o simbólico, particularmente com a linguagem. A capacidade produtiva do imaginário consiste em sua principal característica. Para ele, a criação é compreendida como a disposição de fazer surgir o que não estava dado e a imaginação como a capacidade de colocar novas formas, sendo ambas comuns a todos os homens. Em seus escritos, Castoriadis (1982; 1992) formula uma diferenciação entre o que denomina imaginário radical e o imaginário efetivo ou imaginado. O imaginário radical é compreendido como a capacidade de fazer aparecer como imagem alguma coisa que não é e não foi; como capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é; como faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são; como capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem (CASTORIADIS, 1992). Nesse ponto, as relações entre real, imaginário e simbólico tornam-se bastante intrincadas, já que a própria linguagem, enquanto produção humana, implica a atividade criativa do imaginário. Ou seja, se o imaginário não prescindir do simbólico, este pressupõe necessariamente a capacidade imaginária, a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é ou de vê-la diferente do que é. O imaginário, por sua vez, liga-se ao simbólico não somente para exprimir-se, mas para existir enquanto tal.

2.1.2 A possibilidade de imaginar para além do palpável e do concreto

O homem é, basicamente, um criador de imagens, e nossa substância

psíquica consiste em imagens; nossa existência é imaginação.
Somos de fato de igual matéria da qual os sonhos são feitos.
(HILLMAN, 2013)

Segundo Casey (1971), a capacidade de imaginar para além do palpável e do concreto é uma habilidade intrínseca ao ser humano, que nos permite transcender os limites da realidade empírica. Segundo Casey (1971), a imaginação é um ato que difere significativamente do tipo de imaginar que envolve o entendimento de algo. Ele destaca dois tipos de possibilidade: a possibilidade pura e a possibilidade hipotética. A possibilidade pura é a capacidade de imaginar sem restrições, permitindo-nos conceber ideias e cenários que vão além do que é fisicamente possível ou concreto. É a liberdade de sonhar acordado, de criar mundos fictícios e de explorar o reino do impossível. Por outro lado, a possibilidade hipotética está relacionada a um tipo de imaginar que envolve entender com base na realização da experiência. Essas possibilidades são essenciais para certos tipos de imaginação usados para adquirir conhecimento ou compreensão. Nesses atos, projetamos possibilidades como hipóteses ou opções para melhorar nosso desempenho na realidade empírica (CASEY, 1971). Essas possibilidades são projetadas com um propósito específico, muitas vezes visando a uma experiência mais enriquecida. Imaginar propriamente difere do tipo de imaginação envolvido no entendimento. Nesse caso, lidamos com as possibilidades por elas mesmas, sem tratá-las como hipóteses ou explicações da experiência. Em sonhos, devaneios ou estados de inspiração artística, não há tentativa de usar essas possibilidades para entender ou explicar a experiência. Elas são contempladas como "meras" ou "puras" possibilidades, independentes de qualquer esforço para compreender ou manipular a realidade. Casey (1971) destaca a ideia de "pura possibilidade", que é uma possibilidade que surge e é contemplada por si mesma, sem um objetivo externo. Essa possibilidade não está vinculada à experiência como uma forma de explicação, cópia ou antecipação. Ela permite que a mente explore um terreno mais vasto do que o ocupado pelos objetos percebidos e lembrados. Essa noção de imaginação pura se relaciona com a visão criativa da imaginação, permitindo-nos relacionar com objetos e situações de forma destacada da realidade, independentemente de serem reais ou realizáveis no futuro. Autores como Kaufmann (1947) também enfatizam que é através da

imaginação como elemento primordial na criação de “coisas que não existem na realidade concreta” que novas possibilidades de vida e mundo são criadas, proporcionando um novo significado à vida humana. Casey (1971) ressalta que imaginar propriamente não é negativo, pois lida com objetos ou estados de sentimentos "imaginários" colocados como meras possibilidades.

As relações entre a atividade imaginária e a realidade, tal como Vygotsky as vê, são bem conhecidas entre aqueles que estudam sua obra. A primeira forma dessas relações é a de que toda criação imaginária parte de elementos tomados da realidade e resulta em uma modificação, uma reelaboração desses elementos. Outra forma é aquela em que imaginação possibilita o conhecimento do real a partir da experiência do outro, servindo como meio de ampliação da experiência do homem. É o que ocorre quando construímos imagens de lugares, fatos e coisas que nunca vimos. Um terceiro tipo de relação é aquele em que as imagens criadas pela fantasia são capazes de despertar emoções e sentimentos reais. Nesse caso, a imaginação seleciona elementos da realidade e os combina, de modo que corresponda ao estado afetivo e não à lógica exterior. O produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, mas é capaz de despertar emoções e sentimentos reais. E, finalmente, o resultado da imaginação pode representar algo completamente novo, que ganha existência própria na realidade. Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produto da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação (VYGOTSKY, 2011, p. 28-29).

2.1.2.1 Criando e compreendendo ficções e coisas que não existem através da ideia de identidade

O século XVIII viu uma transformação radical na concepção da imaginação, destacada pelas reflexões de Samuel Taylor Coleridge (1995). Sua abordagem inovadora, conforme analisada por Wolfgang Iser (2013), desafia a tradição ao fragmentar a imaginação em faculdades distintas: primária, secundária e fantasia. "Isso pode ser considerado um rompimento

radical com a tradição" (ISER, 1993, p. 186), sugerindo uma abordagem mais fluida e dinâmica, afastando-se do paradigma anterior de um "poder básico" espiritual. No contexto da análise de Wolfgang Iser sobre a abordagem inovadora de Samuel Taylor Coleridge, é crucial compreender a ruptura que Coleridge propôs em relação à concepção tradicional da imaginação. Coleridge (1995), um pensador do século XVIII, diferenciou-se de seus predecessores ao não buscar desenvolver um princípio unificador que identificasse a imaginação como uma faculdade singular e complexa. A faculdade primária, segundo Coleridge, é considerada o "poder vivo e primeiro agente de toda percepção humana" (COLERIDGE, 1995, p. 47). Essa faculdade é a fonte ativa que inicia e impulsiona a percepção, sendo fundamental para a apreensão do mundo ao nosso redor. A faculdade secundária, por sua vez, é vista como um eco da primeira, coexistindo com a vontade consciente. Sua função é a de "dissolver, difundir, dissipar para recriar", demonstrando um papel vital na renovação de imagens e ideias. Por fim, a faculdade da fantasia opera como a memória emancipada do espaço e do tempo, enquanto permanece sujeita às leis da associação. Essa fragmentação da imaginação proposta por Coleridge (1995) representa um rompimento radical com a tradição que via a imaginação como um poder básico de natureza espiritual. Ao invés de atribuir à imaginação um fundamento substancial e único, Coleridge reconhece a diversidade de suas funções, destacando que ela não pode ser reduzida a uma entidade singular. Essa abordagem dinâmica e multifacetada da imaginação propõe uma compreensão mais rica e complexa dessa faculdade, enfatizando suas diversas operações e sua contribuição fundamental para a percepção e a criação de significado. Sartre (2019), por meio de uma lente fenomenológica, redefine a imaginação como um ato consciente, desvinculando-a da noção tradicional de faculdade.

A imaginação, esse reino fecundo da mente humana, tem sido explorada por diversos pensadores ao longo da história, cada um trazendo perspectivas distintas à luz. Entre os proeminentes contribuidores à Psicanálise, destacam-se Sigmund Freud (1856 – 1939), Jacques Lacan (1901 – 1981), Donald Winnicott (1876 – 1981) e Arnold Gehlen (1904 – 1976), cujas teorias oferecem uma diversidade complexa e rica quando se trata de compreender a imaginação dentro das nossas mentes. Sigmund Freud (2010), considerado o pioneiro da Psicanálise, fundamentou suas ideias na interação entre consciente e inconsciente. A imaginação, para

Freud, não é apenas uma faculdade criativa, mas também um canal para a expressão de desejos reprimidos. Em sua obra "A Interpretação dos Sonhos" (1902), Freud mergulha nas profundezas do inconsciente, revelando como a imaginação, especialmente nos sonhos, oferece uma narrativa simbólica dos conflitos psíquicos. Contudo, é importante notar que Freud não dedicou uma obra específica à imaginação, e suas abordagens foram mais implícitas, evidenciadas na análise dos processos mentais. Freud (2010) postulou a existência de camadas da mente, sendo o inconsciente um reservatório de desejos, impulsos e pensamentos reprimidos (FREUD, 2010). Nesse contexto, a imaginação emerge como uma forma de expressão desses conteúdos, muitas vezes mascarados em simbolismos e metáforas. Os sonhos, para Freud, são uma "estrada real para o inconsciente". Na atividade onírica, a imaginação é liberada da censura do ego, permitindo a expressão direta dos desejos reprimidos. Elementos simbólicos nos sonhos constituem a linguagem da imaginação, fornecendo uma narrativa cifrada dos conflitos psíquicos.

Jacques Lacan (1978), por sua vez, desafia e amplia as ideias freudianas ao introduzir os registros simbólico, imaginário e real. A dimensão imaginária, segundo Lacan, é intrínseca à formação da identidade e da imagem do eu. Através de conceitos como o espelho e a relação especular, Lacan examina como a imaginação desempenha um papel crucial na construção do *self*. O momento do espelho, um episódio de reconhecimento visual próprio em uma superfície refletora, torna-se paradigmático. Nesse momento, a criança vê uma imagem unificada de si mesma, formando a base da identidade. Lacan introduziu o conceito de "registro imaginário", em que a imagem desempenha um papel crucial. A imaginação é central aqui, pois a criança projeta uma imagem idealizada que se torna a referência para o "eu" futuro (LACAN, 1978). Essa ênfase na dimensão visual e na relação especular destaca a importância da imaginação na construção da identidade, um aspecto que não é tão explicitamente enfatizado nas teorias de Freud. Lacan ampliou a compreensão da linguagem como uma estrutura simbólica que não apenas comunica, mas também constitui a própria realidade psíquica. A identidade, então, é moldada por meio da linguagem, e a imaginação é crucial na elaboração de símbolos e metáforas que compõem o tecido da experiência subjetiva. Lacan desafia a noção de um "eu" unitário e estável, destacando a fragmentação inerente à experiência humana. A identidade, para Lacan, é marcada pela falta e pela busca

incessante por completude. Aqui, a imaginação desempenha um papel na construção de identidades fragmentadas e na busca por uma unidade perdida. É preciso criar uma realidade-outra a partir de imagens irreais do inconsciente para suprimir as faltas e o desengano da vida. O imaginário, muitas vezes, é utilizado como um meio de enfrentar a incompletude do real. A imaginação, nesse contexto, atua como uma forma de lidar com a lacuna entre a experiência e a representação simbólica. Já Donald Winnicott (2011), ao desenvolver suas teorias no campo da psicanálise, trouxe perspectivas distintas sobre a imaginação e a formação da identidade, oferecendo contribuições que diferem das abordagens de Freud e Lacan. Uma das contribuições mais marcantes de Winnicott é o conceito de "objeto transicional". Ele descreve objetos como um cobertor ou um brinquedo que, durante a infância, ajudam a criança a transitar entre a realidade interna e externa. A imaginação, nesse contexto, é central na criação desse espaço intermediário, o que não é tão enfatizado nas teorias de Freud e Lacan. Enquanto Freud explorou a imaginação principalmente em relação aos desejos reprimidos, e Lacan focalizou a dimensão simbólica, Winnicott destaca a importância da imaginação na formação de uma zona intermediária que facilita a transição entre o mundo interno e externo. Winnicott enfatiza a importância do ambiente facilitador no desenvolvimento do *self*. Ele argumenta que a capacidade da criança para imaginar e criar está intrinsecamente ligada à qualidade do ambiente em que ela está imersa. Isso destaca a interconexão entre a imaginação e o ambiente na formação da identidade. Ele vê a imaginação como uma força vital que não apenas lida com conflitos internos, mas também contribui para a expressão autêntica do *self*. Essa ênfase na capacidade criativa e espontânea da imaginação, como um aspecto positivo do desenvolvimento, adiciona uma dimensão otimista à sua abordagem, e concentra na realidade subjetiva da experiência, destacando a importância de compreender a experiência interna do indivíduo. Isso se relaciona diretamente com a imaginação, que é vista como uma ferramenta essencial para a expressão da realidade subjetiva. Arnold Gehlen (1961), embora menos proeminente na psicanálise, contribui com uma perspectiva sociológica. Ao explorar a relação entre o homem e sua cultura, Gehlen destaca como a imaginação é moldada por influências sociais e culturais. Isso sugere que a imaginação não é apenas um fenômeno individual, mas também um produto das condições externas, assim como também estudou Winnicott.

Wolfgang Iser (1993) explora profundamente as diferentes visões sobre a função da fantasia-imaginação na formação do eu, questionando se esta é independente ou intrinsecamente ligada à construção do eu. Mesmo em seu trabalho sobre a dimensão da escrita e do texto na humanidade, a sua análise ressalta a matriz da fantasia como infraestrutura para a formação do eu, levando a uma reflexão sobre seu papel central na psique humana para além do mero aporte literário, causando efeitos de sentido que podem ser usados para compreender a imaginação no cérebro humano. Como Iser observa, a fantasia desempenha a função de ser um "encontro entre expectativas e realização" (ISER, 2013, p. 206). A citação de Freud pode ilustrar essa perspectiva: "A fantasia é a realização do desejo" (FREUD, apud Iser, 2013, p. 206). Aqui, Freud destaca a capacidade de a fantasia dar forma e expressão aos desejos mais profundos, servindo como um mecanismo fundamental na formação da subjetividade. Lacan, por sua vez, enfoca a dimensão simbólica da imaginação e seu papel na constituição do eu. Iser destaca a visão de Lacan de que a imaginação está relacionada ao "eu especular" e ao "eu profundo" (ISER, 2013, p. 206). Uma citação relevante de Lacan pode ser incorporada para ampliar essa compreensão: "A imaginação é uma imagem mental que indica apenas a relação do consciente com o objeto" (LACAN, apud Iser, 1993, p. 195). Nesse contexto, Lacan ressalta que a imaginação não é apenas uma representação, mas uma construção simbólica que reflete a relação complexa entre o consciente e o objeto. Winnicott contribui com a ideia da "objeto de transição" como parte integrante da imaginação na infância. A citação de Winnicott destaca a importância do objeto de transição: "Objeto de transição é aquele que nos ajuda a fazer a transição do sentido de pertencer a ser um indivíduo separado". Essa perspectiva enfatiza como a imaginação, por meio de objetos transicionais, desempenha um papel crucial na diferenciação do eu na fase inicial do desenvolvimento. Gehlen (1993) traz uma abordagem que enfatiza a transferência e a projeção na formação do eu. A citação de Gehlen, que enfoca a transferência, pode ser incluída para enriquecer a análise: "Transferência é a tentativa de recuperar deficiências instintivas pela projeção" (GEHLEN, apud Iser, 1993, p. 206). Essa citação destaca a dinâmica da imaginação na projeção de aspectos do eu, contribuindo para a construção de uma identidade complexa. A análise aprofundada das contribuições desses teóricos evidencia a importância da imaginação na formação do eu. A reflexão sobre a matriz da fantasia como infraestrutura

para a formação do eu destaca a interconexão entre a vida imaginativa e a identidade pessoal. Ao incorporar essas citações específicas, nossa compreensão da influência da imaginação na psique humana é enriquecida, proporcionando uma visão mais completa e embasada nas teorias fundamentais da psicanálise e da psicologia. Vê-se, assim, que a atividade imaginária tanto toma do real a matéria sobre a qual opera, quanto produz novas (ir)realidades. Nesse contexto, é a possibilidade de recombinação de fatos, impressões, imagens já vividas o que parece caracterizar a imaginação e sua capacidade criadora. Para Vygotsky (2011), a imagem, como cópia mais ou menos fiel do real serve de base para essa atividade que combina e cria. Mas, se é verdade que a imaginação se baseia na experiência e na realidade, é também certo que o afastamento do real constitui-se movimento fundamental para o funcionamento imaginativo. Para a imaginação, é importante a direção da consciência. Consiste em afastar-se da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, que se diferencia da cognição imediata da realidade em direção à constituição do eu, junto com as imagens que se criam durante o processo de cognição imediata da realidade.

2.1.3 A dimensão social do imaginário

A perspectiva de Castoriadis (2013) coloca em foco a dimensão social do imaginário. Ao privilegiar a criação incessante e indeterminada de figuras, formas e imagens, Castoriadis destaca o papel radical do imaginário na construção de instituições sociais. A visão de Castoriadis sobre o imaginário transcende a mera representação, centrando-se na ideia de uma "criação incessante e essencialmente indeterminada" (CASTORIADIS, apud Iser, 1993, p. 207). Essa citação revela a perspectiva única de Castoriadis, que não concebe o imaginário como uma simples imagem, mas como um processo dinâmico e em constante evolução. Ao explorar a relação intrínseca entre o imaginário, a psique e o social, Castoriadis destaca a natureza radical dessa interação. A ênfase de Castoriadis na criação incessante do imaginário lança luz sobre seu papel na construção de instituições sociais. A citação "O imaginário não é uma imagem de" destaca a autonomia do imaginário em relação à mera representação, sugerindo que vai além da simples reflexão da realidade (CASTORIADIS, 1982). Essa

perspectiva implica que o imaginário desempenha um papel ativo na criação e transformação das estruturas sociais, influenciando diretamente a maneira como as instituições são concebidas e mantidas. Ao citar Castoriadis, Iser destaca a essência indeterminada do imaginário, enfatizando que sua influência permeia os domínios individuais e coletivos (ISER, 2013, p. 207). Essa inter-relação profunda sugere que a criação incessante do imaginário não apenas molda as experiências individuais, mas também desempenha um papel crucial na estruturação e evolução das instituições sociais.

Segundo Vygotsky (1996, p. 113), “[...] toda função superior estava dividida entre duas pessoas, constituía um processo psicológico mútuo [...]”, de modo que “[...] a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas [...]”. (VYGOTSKY, 2000, p. 25) Nesse contexto, a linguagem tem um papel central na formação das complexas conexões psicológicas produzidas quando essas funções se transformam em individuais. Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social (VYGOTSKY, 2000). Traslado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem. (VYGOTSKY, 1996, p. 114). Sendo assim, para Vygotsky (1996, p. 133), “[...] os traços sociais e de classe formam-se no homem a partir de sistemas interiorizados, que nada mais são do que sistemas e relações sociais entre pessoas trasladados para a personalidade [...]”. Disso se infere que os modos de participação da imaginação no funcionamento psíquico dependem do contexto social em que se dá o desenvolvimento ontogenético, bem como das práticas sociais que os sujeitos realizam.

3 LINGUAGEM, FICCIONALIZAÇÃO E IMAGINAÇÃO: UMA ABORDAGEM EVOLUTIVA

O que veio antes: a linguagem ou a capacidade de imaginar novos mundos e ficcionalizar universos? O debate sobre a primazia entre a linguagem e a capacidade de imaginar novos mundos é uma questão intrincada que remete à essência da condição humana. A busca por

compreender qual desses elementos surgiu primeiro, se a linguagem enquanto meio de comunicação simbólica ou a capacidade imaginativa de conceber realidades ficcionais, levanta questionamentos fundamentais sobre a natureza da mente humana e suas origens.

Uma perspectiva que postula a linguagem como ponto de partida para a capacidade imaginativa é fundamentada na ideia de que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento cognitivo essencial (KAUFMANN, 1947). Michael Tomasello (2008), renomado psicólogo e primatólogo, propõe uma abordagem intrigante sobre a evolução da linguagem, destacando o papel crucial da capacidade imaginativa na promoção da cooperação humana. Neste contexto, a criação de narrativas e mitos, emergentes da imaginação coletiva, surge como um fator determinante na evolução da linguagem como uma ferramenta social. Tomasello (2008) fundamenta sua perspectiva na premissa de que a linguagem evoluiu primariamente como uma ferramenta para a comunicação social, facilitando a cooperação entre indivíduos. Em sua obra "Origins of Human Communication" (2008), ele explora como os humanos, ao contrário de outros primatas, desenvolveram uma capacidade única de compartilhar intenções e cooperar de maneira complexa através da linguagem como ferramenta essencial para a construção de um imaginário que se sustente (TOMASELLO, 2008). A capacidade imaginativa, segundo o autor, desempenhou um papel vital nesse processo evolutivo. Narrativas e mitos teriam sido originados da imaginação coletiva, servindo como um meio eficaz de transmitir experiências, conhecimentos e valores dentro de grupos sociais. Essas narrativas não apenas fortaleceram os laços sociais, mas também proporcionaram um terreno fértil para o desenvolvimento da linguagem como uma ferramenta de comunicação mais avançada. Ao criar e compartilhar narrativas ficcionais, os seres humanos não apenas transmitiam informações práticas, mas também exploravam o reino da imaginação, dando origem a mundos simbólicos compartilhados. Essa atividade imaginativa coletiva, argumenta Tomasello, desencadeou um processo evolutivo que moldou a linguagem, permitindo uma comunicação mais complexa e abstrata.

Donald (1991), em contraponto à perspectiva de Michael Tomasello, propõe uma visão alternativa ao sugerir que a capacidade de imaginação e cognição simbólica antecede a linguagem. Essa abordagem desafia a ideia de que a linguagem evoluiu como uma ferramenta social primária,

destacando a importância da imaginação e da cognição simbólica como fundamentos subjacentes a esse processo evolutivo. Donald argumenta que a capacidade de representar mentalmente objetos e eventos de maneira simbólica precede a habilidade de comunicação linguística. Em sua obra seminal, *“Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition”* (1991), ele explora como os humanos desenvolveram uma mente moderna com a capacidade única de pensar e comunicar através de símbolos, antes mesmo da emergência da linguagem. A imaginação, de acordo com Donald, desempenhou um papel crucial na representação simbólica, permitindo que os seres humanos criassem imagens mentais abstratas e conceitos simbólicos. Essa capacidade cognitiva pré-linguística, segundo ele, proporcionou a base para o desenvolvimento da linguagem, pois os indivíduos já tinham a capacidade de conceber e comunicar ideias de maneira simbólica. Ao contrariar a visão de Tomasello, Donald destaca que a imaginação não é apenas uma consequência da linguagem, mas um precursor essencial. A capacidade de criar e manipular imagens mentais, juntamente com a cognição simbólica, teria impulsionado a evolução mental dos seres humanos, preparando o terreno para a linguagem emergir como uma extensão mais sofisticada desse substrato cognitivo (DONALD, 1991). Assim, a crítica de Donald lança uma luz provocativa a respeito do debate sobre a evolução da linguagem, sugerindo que a imaginação e a cognição simbólica formam a base sobre a qual a complexidade comunicativa humana se desenvolveu, alterando nossa compreensão da relação intrínseca entre linguagem, imaginação e cognição simbólica na história evolutiva da espécie humana.

Alguns pesquisadores argumentam que a língua/linguagem precedeu a ficção e imaginação na evolução humana. De acordo com essa visão, a linguagem teria surgido como uma ferramenta de comunicação primordial para a transmissão de informações relevantes para a sobrevivência do grupo, como caça, alimentos e enfrentamento de ameaças na natureza. Nessa linha de raciocínio, a capacidade de criar ficções e usar a imaginação teria se desenvolvido posteriormente, como uma forma de compartilhar histórias, mitos e conhecimentos culturais. Evidências arqueológicas e genéticas sugerem que um mecanismo inicial para o desenvolvimento da linguagem humana já existia há 600 mil anos. As primeiras verbalizações que evoluíram para a comunicação humana nas línguas modernas já existiam. No entanto, a imaginação moderna só surgiu há 70 mil anos. Os

interesses genéticos compartilhados teriam levado a suficientes níveis de confiança e cooperação para que sinais intrinsecamente não confiáveis – palavras – se tornassem aceitos como confiáveis, assim começando essa evolução (BOWCOCK, 1994). Por outro lado, outros pesquisadores sugerem que a língua/linguagem e a ficção/imaginação coevoluíram, influenciando-se mutuamente ao longo do tempo. Outra abordagem considera que a ficção e a imaginação são fenômenos culturais e sociais que se desenvolvem dentro de um contexto linguístico. Nessa visão, a linguagem é a base sobre a qual as narrativas ficcionais são construídas e transmitidas. O uso da imaginação e da ficcionalização surge como parte da expressão cultural e do desenvolvimento da linguagem em uma determinada comunidade.

3.1 A REVOLUÇÃO COGNITIVA DA ESPÉCIE: A IMAGINAÇÃO E A FICCIONALIZAÇÃO NA DIANTEIRA DO DEBATE

Sem máquinas do tempo, recorreremos a "muletas para o pensamento", como o filme "A Guerra do Fogo" de Jean-Jacques Annaud. Nessa obra, o *Homo erectus* se transforma no *Homo sapiens* ao aprender com outros grupos mais evoluídos. O filme destaca a fricção entre culturas como catalisadora do surgimento da linguagem e do pensamento. A busca pela sobrevivência leva à interação entre diferentes estágios de evolução, gerando uma influência mútua. A comunicação rudimentar, apresentada de forma magistral pelo roteirista Anthony Burgess, ilustra a transição do animal para o homem cultural. A revolução cognitiva do *Homo sapiens* representa um marco evolutivo crucial, marcado por mudanças significativas nas capacidades cognitivas, incluindo o desenvolvimento da imaginação, da capacidade ficcionalizante e sua relação intrínseca com a linguagem.

Diversos estudiosos exploraram esses aspectos, oferecendo teorias que lançam luz sobre a complexidade dessa transformação: Steven Mithen (1996) propôs a ideia de "mente modular" no *Homo sapiens*, sugerindo que a mente humana possui módulos cognitivos especializados dedicados a áreas específicas do pensamento, como social, natural, técnico e linguístico. Cada módulo é especializado em resolver problemas relacionados a esses domínios, refletindo adaptações evolutivas. Mithen explora como a capacidade de integrar módulos cognitivos deu origem a manifestações culturais como arte, religião e ciência. A imaginação, alimentada por essa

integração, desempenhou um papel crucial na criação de narrativas mitológicas, representações artísticas e formulação de conceitos científicos. A imaginação, segundo Mithen, é um fenômeno emergente da integração de módulos cognitivos (MITHEN, 1996). Ao conectar informações de diferentes domínios, o *Homo sapiens* foi capaz de criar representações mentais complexas, simulações e cenários hipotéticos. A imaginação, portanto, é vista como uma propriedade emergente da mente modular.

Ian Tattersall (1998), renomado paleoantropólogo, oferece uma perspectiva fascinante sobre a singularidade cognitiva da nossa espécie, centrando-se na capacidade de pensamento simbólico, na criação de ferramentas complexas e na interconexão desses avanços com a emergência da imaginação e a habilidade de conceber mundos fictícios. É destacada a característica distintiva do *sapiens* na sua capacidade única de pensar simbolicamente. Esse atributo vai além da mera resolução de problemas e envolve a criação e compreensão de símbolos que representam conceitos abstratos. Essa capacidade é vista como um divisor de águas na evolução cognitiva (TATTERSALL, 1998). Uma das expressões tangíveis do pensamento simbólico é a habilidade do *Homo sapiens* em criar ferramentas complexas. Tattersall (1998) destaca como a fabricação de ferramentas vai além das necessidades básicas de sobrevivência, refletindo uma capacidade de planejamento, antecipação e criatividade, que sugere um nível avançado de cognição. A capacidade de criar e compreender símbolos é intrinsecamente ligada à habilidade de conceber realidades alternativas, antecipar cenários e formar representações mentais complexas. A imaginação, nesse contexto, surge como uma extensão natural do pensamento simbólico. A singularidade cognitiva do *Homo sapiens*, conforme Tattersall argumenta, é evidenciada pela capacidade de conceber mundos fictícios (TATTERSALL, 1998). Donald (1991) propõe uma teoria evolutiva da mente humana que distingue entre a “mente episódica” e a “mente mimética”: A mente episódica é a capacidade de recordar eventos pessoais, uma habilidade que nos permite viajar mentalmente no tempo e reviver experiências passadas. Esta forma de memória é altamente pessoal e subjetiva, ligada à nossa consciência de nós mesmos como indivíduos que persistem no tempo. A mente episódica permite-nos formar uma narrativa coerente da nossa vida, ligando eventos passados, presentes e futuros numa sequência temporal contínua. Por outro lado, a mente mimética refere-se à nossa capacidade de imitar e representar mentalmente ações.

Essa é uma habilidade fundamental para a aprendizagem social e cultural, permitindo-nos adquirir novas habilidades e comportamentos através da observação e imitação dos outros. A mente mimética é também crucial para a comunicação não-verbal, pois nos permite expressar emoções e intenções através de gestos, expressões faciais e outras formas de comportamento corporal (DONALD, 1991). Donald argumenta que a transição da mente mimética para a mente episódica foi um passo crucial na evolução humana. Esta mudança marcou uma progressão na nossa capacidade de representação mental, permitindo-nos formar uma compreensão mais rica e complexa do mundo à nossa volta. Ao mesmo tempo, a emergência da mente episódica ampliou o alcance da nossa imaginação, dando-nos a capacidade de visualizar cenários hipotéticos e futuros, bem como reviver o passado. No entanto, a mente episódica e a mente mimética não são mutuamente exclusivas. Em vez disso, elas trabalham juntas para formar a base da nossa cognição complexa. A mente mimética fornece a estrutura para a nossa compreensão do mundo físico e social, enquanto a mente episódica nos permite refletir sobre as nossas experiências e planejar o futuro. Juntas, estas duas formas de cognição formam a base da nossa capacidade única de pensar abstratamente, resolver problemas complexos e criar cultura. (DONALD, 1991). O primeiro nível, a mente mimética, segundo ele, foi a primeira transição no código genético, e é a capacidade de representar conhecimento por meio de atos motores voluntários. Essa capacidade conferiu ao *Homo erectus* uma vantagem adaptativa, pavimentando o caminho para mais de um milhão de anos de sucesso evolutivo.

A transição à "Nível Mítico", coincide com o desenvolvimento da linguagem falada. Donald (1991) destaca como o *Homo sapiens*, dotado de um cérebro significativamente maior, evoluiu para uma cultura mítica complexa. A linguagem, então, permitiu a criação de uma cultura pré-alfabetizada rica, que persiste em várias partes do mundo contemporâneo. A terceira e última transição, caracterizada como o "Nível Simbólico", testemunhou a construção de sistemas simbólicos elaborados, desde cuneiformes e hieróglifos até linguagens alfabéticas e matemáticas. Aqui, Donald argumenta que a memória biológica humana tornou-se inadequada para armazenar o crescente conhecimento coletivo, desencadeando a necessidade de dispositivos de memória simbólica externa. A teoria de Donald sugere que a mente moderna é uma construção

híbrida, incorporando vestígios de estágios biológicos anteriores e adaptando-se a novos dispositivos de memória simbólica. A imaginação, nesse contexto, emerge como uma força vital em todos os níveis cognitivos, permitindo diferentes formas de representação mental.

Ao aprofundar nossa compreensão dos níveis cognitivos propostos por Donald, percebemos que cada estágio não é apenas uma fase evolutiva, mas também uma transformação na natureza da representação mental. A mente mimética proporciona uma base para a imaginação, a mente mítica introduz a narrativa e a linguagem, enquanto a mente simbólica transcende as limitações da memória biológica por meio de sistemas simbólicos sofisticados (DONALD, 1991). A interconexão desses estágios cria uma narrativa coerente da evolução da mente humana, em que a imaginação não é apenas um componente, mas o fio condutor que tece a complexidade cognitiva ao longo da história evolutiva. Ao explorar esses níveis, percebemos a riqueza da experiência humana, enraizada na capacidade contínua de criar, imaginar e transcender os limites da própria cognição e da capacidade desenvolvida de ficção. As contribuições de Donald abrem uma janela para a compreensão da mente humana como uma obra-prima em constante evolução, forjada ao longo de milênios de transições culturais e cognitivas.

Donald destaca como a capacidade de criar e manipular representações simbólicas, independentemente da linguagem, foi um marco evolutivo. Isso inclui a habilidade de conceber imagens mentais abstratas, símbolos e signos que antecederam o desenvolvimento pleno da linguagem. Essa capacidade simbólica é essencial para a criação de narrativas e mitos, que, por sua vez, contribuíram para a formação da cultura. Donald sugere que a transição da representação simbólica para a linguagem foi impulsionada pela necessidade de comunicação mais eficiente em grupos sociais crescentemente complexos. A capacidade de imaginar e criar símbolos visuais foi fundamental para o desenvolvimento de formas iniciais de linguagem. Pictogramas e símbolos visuais eram usados para representar objetos, ações e conceitos, contribuindo para a comunicação antes do desenvolvimento total da linguagem falada (DONALD, 1991). A linguagem teria evoluído como uma extensão e amplificação das capacidades simbólicas e imaginativas já presentes na mente humana segundo mudanças genéticas também relacionadas às mudanças drásticas que os hominídeos enfrentaram durante os milhares de anos: caça e coleta,

socialização, o advento das sociedades agrícolas e o aparecimento de sociedades complexas ao longo da história. Ou seja, elementos não linguísticos da cultura contribuíram e muito para o desenvolvimento cognitivo.

3.1.1 OS CAMINHOS TORTUOSOS E FANTÁSTICOS DA MENTE: SÍMBOLOS

Santos (2011, p. 9) destaca que "a relação entre linguagem e mente é fundamental para compreender a corporificação do pensamento". A formação de imagens mentais na perspectiva da psicologia cognitiva, buscando compreender como a mente opera por meio dessas representações visuais, inicia-se destacando a importância de ir além de uma visão restrita da imaginação como a capacidade de formar imagens na ausência de estímulos perceptuais. O termo "mental imagery" é introduzido e indica a abordagem científica da imaginação como objeto de estudo.

Brann (1991) destaca a implicação de ter imagens mentais e ressalta que o adjetivo "mental" refere-se à investigação das estruturas e processos da mente como uma função cerebral. O desafio inicial enfrentado é a formulação de critérios para a existência e formação de imagens mentais. A autora destaca a dificuldade em tornar a imaginação um "pedaço observável da natureza" e a necessidade de desenvolver métodos para extrair evidências mensuráveis dessas estruturas mentais. Ela também situa historicamente o interesse renovado na formação de imagens pela mente durante a revolução cognitiva, destacando o declínio do behaviorismo e a ascensão do conceito de representação mental. Brann (1991), ainda, argumenta que a cognição envolve processos simbólicos e formais, nos quais as informações são representadas e processadas de maneira lógica e sintática. A autora explora a formação de imagens mentais como uma experiência representacional, enfatizando a natureza simbólica das imagens mentais. O desafio principal discutido é se as imagens mentais correspondem de maneira determinante ao que elas representam e como esse processo ocorre. A psicologia cognitiva, conforme Brann (1991) se concentra mais nas imagens mentais de objetos previamente percebidos do que nas imagens criadas aleatoriamente. A distinção entre codificação imagística e proposicional é introduzida, sendo a primeira associada à

representação pictórica e a última à representação verbal. Brann (1991) argumenta que o código proposicional é considerado mais real, enquanto o código imagístico é menos evidente e mais desafiador de verificar. Ela destaca a capacidade humana de perceber similaridades internas nas imagens, mesmo que essas sejam formalmente inarticuláveis. Nesse contexto, diversos estudiosos contribuíram para compreender a formação de imagens dentro do cérebro humano. A pesquisa experimental sobre a formação de imagens mentais na psicologia cognitiva ganhou destaque a partir dos anos 60, impulsionada pela descoberta de que essas imagens desempenhavam um papel significativo na memória. Segundo Mark Sadoski (2000), a teoria dos dois códigos sugere que a cognição humana envolve dois sistemas representacionais independentes, mas parcialmente interconectados. Um é especializado em representações verbais (linguagem), enquanto o outro lida com imagens mentais e representações não verbais. O termo "representação" aqui refere-se à maneira como nossas memórias são preservadas e apresentadas à consciência.

Sadoski (2007) conduziu pesquisas experimentais extensivas, cujos resultados podem ser resumidos em duas descobertas principais. Primeiramente, ao instruir os participantes a utilizar técnicas mnemônicas baseadas na formação de imagens mentais para memorizar informações verbais, eles lembraram-se significativamente melhor do material em comparação com aqueles que não utilizaram essas técnicas. Em segundo lugar, Sadoski demonstrou que a formação de imagens mentais desempenha um papel crucial na memória verbal, mesmo sem instruções explícitas ou esforço consciente dos participantes. Ao atribuir valores imagéticos a palavras, nos quais palavras mais concretas como "gato" tinham valores mais altos do que palavras abstratas como "verdade", Sadoski mostrou que as palavras com valores mais altos eram lembradas com mais frequência, indicando a influência inconsciente da formação de imagens mentais na memória verbal.

Essas descobertas reforçam a importância da imaginação na cognição e na retenção de informações. O debate sobre a natureza das imagens mentais gira em torno de duas maneiras de considerar a forma de representação da informação pela mente: representacionalista e proposicionalista. No contexto representacionalista, as imagens mentais são consideradas figuras visualizadas através de um "olho mental". Existem dois elementos essenciais ao debate: formato e código. O formato refere-se à

semântica de um código, enquanto o código é distinguido por uma sintaxe específica.

Kosslyn (1995) destaca a importância de entender como o significado é transportado pelos símbolos e suas combinações. Ele menciona que o mesmo símbolo pode ser interpretado de maneiras diferentes, dependendo do contexto e da sintaxe utilizada. Por outro lado, o proposicionalismo considera as imagens mentais como representações proposicionais, em que a sintaxe é definida por símbolos que pertencem a várias classes, como relações, entidades e propriedades. As regras de combinação simbólica exigem a presença de pelo menos uma relação, e cada símbolo tem um significado específico atribuído arbitrariamente. Diferentemente das representações descritivas, as proposicionais são abstratas, não ligadas diretamente a nenhuma modalidade específica, e podem se referir a conceitos não figurativos. A percepção é o processo pelo qual os estímulos do ambiente são interpretados e compreendidos pelos sentidos. Símbolos podem ser percebidos visualmente, auditivamente, tatilmente, entre outros.

A interpretação desses símbolos começa com a percepção. A mente associa os símbolos a conceitos ou significados. Por exemplo, uma palavra escrita pode ser associada a um conceito específico. A capacidade de associar símbolos a significados é fundamental para a compreensão. A memória desempenha um papel crucial na apreensão de símbolos. Símbolos são armazenados na memória, e a capacidade de recordar e reconhecer esses símbolos contribui para a compreensão contínua de gestos, ícones, palavras, entre outros. A linguagem permite a comunicação de significados complexos através da manipulação de símbolos através do raciocínio. O raciocínio envolve a capacidade de usar símbolos para chegar a conclusões lógicas. Isso pode incluir inferências, deduções e outros processos de pensamento que utilizam símbolos para representar informações e conceitos através de um processo dinâmico e interconectado que permite aos seres humanos atribuírem significado aos símbolos e utilizá-los para representar e comunicar informações complexas (KOSSLIN, 1995)

Os símbolos são veículos de significado cultural e social. Eles podem incluir objetos, gestos, palavras, imagens e rituais. O significado dos símbolos é muitas vezes construído socialmente e pode variar entre diferentes culturas e grupos. Os símbolos desempenham um papel fundamental na construção da cultura e na transmissão de significados

dentro de uma sociedade. Eles são utilizados para expressar ideias, valores, normas e identidades culturais. Muitas vezes, os símbolos são incorporados em rituais e performances. Estas práticas rituais podem reforçar a coesão social, comunicar significados profundos e proporcionar uma experiência simbólica compartilhada. A linguagem é uma forma fundamental de simbolismo. Palavras e linguagem não são apenas meios de comunicação, mas também veículos de significado simbólico que refletem e moldam a compreensão de mundo de uma sociedade (KOSSLIN, 1995).

3.1.2 CAPACIDADE INTELECTUAL, CONEXÃO GENÉTICA E SINGULARIDADE COGNITIVA

A discussão sobre a relação entre a capacidade intelectual humana e a faculdade da linguagem leva a uma possível conexão genética. A ideia é que a evolução da linguagem ocorreu de maneira similar à capacidade intelectual, ambas moldadas por herança genética. Chomsky destaca a visão de Jared Diamond de que eventos genéticos relacionados ao cérebro foram cruciais para o desenvolvimento da linguagem (CHOMSKY, 2002). A discussão expande-se para a comparação entre a mente humana e a de outros animais. Autores como Gallistel e Gibbon (2002) defendem a ideia de uma arquitetura mental modular presente nos animais, indicando algum grau de cognição e sistema comunicativo. Eles mencionam o exemplo das abelhas (GALLITEL; GIBBON, p.16), que usam movimentos para comunicar a existência de alimento, evidenciando uma forma limitada de sistema comunicativo. A hipótese de uma virada radiológica é introduzida por Reuland (1982), sugerindo que apenas o *Homo sapiens*, devido a uma mudança genética, desenvolveu plenamente a faculdade da linguagem. A discussão sobre o gene FOXP2, inicialmente descoberto em uma família com dificuldades de fala, leva a especulações sobre a recursividade em outros domínios e a complexidade do desenvolvimento da língua em diferentes espécies.

Em meio às tentativas incessantes de decifrar os mistérios por trás da aquisição da linguagem recursiva e da imaginação moderna, uma proposta ousada surge com a "hipótese de Rômulo e Remo". Inspirada na lenda dos gêmeos criados por uma loba, essa teoria sugere que uma mutação genética, desencadeando uma série de transformações, desempenhou um

papel crucial no desenvolvimento da inteligência humana há aproximadamente 70 mil anos. Nomeada em homenagem aos protagonistas da mitologia romana, Rômulo e Remo, a teoria destaca uma disparidade entre as habilidades dos pais e das crianças afetadas pela mutação. Uma analogia intrínseca à lenda, em que os cuidadores lobo, obviamente, não compartilhavam das mesmas capacidades imaginativas dos filhos.

O curso evolutivo da linguagem recursiva e da imaginação moderna remonta a períodos muito antigos. Evidências arqueológicas e genéticas apontam para um mecanismo inicial de desenvolvimento da linguagem há cerca de 600 mil anos (REULAND, 1982). As bases das verbalizações, que evoluíram para as complexas línguas modernas, já existiam, enquanto a imaginação moderna emergiu aproximadamente há 70 mil anos. A intrigante questão da mutação genética é abordada pelo pesquisador Andrey Vyshedskiy, da Universidade de Boston. Vyshedskiy (2019) destaca a importância temporal na formação de um componente crucial da imaginação, a síntese pré-frontal, responsável por justapor objetos mentais de forma construtiva. Essa justaposição, em conjunto com a recursividade, desempenha um papel fundamental no entendimento das nuances na aplicação da linguagem. A pesquisa revela que o desenvolvimento dessa forma específica de imaginação só ocorre quando crianças até cinco anos de idade são expostas à linguagem recursiva. Vyshedskiy argumenta que, se o período crítico em crianças pré-modernas tivesse encerrado antes dos cinco anos, a aquisição dessa habilidade seria impossível. A teoria postula, então, que a mutação que retardou o desenvolvimento do córtex pré-frontal foi o catalisador para a aquisição simultânea da síntese pré-frontal e da imaginação recursiva dentro da linguagem.

Ao analisar as complexidades da evolução humana, a hipótese de Rômulo e Remo adiciona uma camada intrigante às teorias existentes, propondo uma interação sutil entre mutações genéticas e a formação da linguagem e imaginação humanas. Como destacou Shakespeare, "O que há em um nome? Aquilo que chamamos de rosa, mesmo com outro nome, teria o mesmo perfume.", de maneira análoga, essa teoria desafia a compreensão estabelecida, oferecendo uma nova perspectiva sobre os alicerces da nossa singularidade cognitiva e ampliando o debate sobre imaginação e linguagem. Uma interpretação possível é que os conceitos e ideias (a essência das coisas) existem independentemente das palavras específicas (os "nomes") que usamos para descrevê-los. Isso é relevante para a

linguística e a cognição, pois destaca a maneira como nossa compreensão e percepção do mundo são moldadas, mas não limitadas, pela linguagem que usamos.

3.1.2.1 EXPLORANDO POSSIBILIDADES E FORTALECENDO HABILIDADES SOCIAIS: COOPERAÇÃO, ADAPTAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Desde os primórdios da existência humana, a capacidade única de imaginar e criar imagens mentais tem desempenhado um papel fundamental na evolução de nossa espécie. A imaginação, como uma faculdade que nos permite conceber mundos fictícios e simular diferentes realidades, não é apenas uma característica inata, mas uma força motriz que impulsionou nossa habilidade de explorar possibilidades e desenvolver habilidades sociais ao longo dos milênios (CHOMSKY, 2002). Desde as épocas antigas, nossos ancestrais já estavam envolvidos em simulações cognitivas, criando narrativas internas que refletiam suas experiências, medos e desejos. Pinturas rupestres, por exemplo, podem ser vistas como manifestações tangíveis da imaginação pré-histórica, nas quais as comunidades representavam visualmente não apenas o que viam, mas também suas aspirações e compreensões simbólicas do mundo. Para representar o mundo e dar novos sentidos a ele, é preciso explorar as possibilidades da mente: Essa poderosa ferramenta esteve sempre no cerne das mudanças sociais adquiridas e nas relações interpessoais. A imaginação não apenas influenciou a construção de realidades compartilhadas, mas também desempenhou um papel vital na tomada de decisões.

A habilidade de simular mentalmente diferentes cenários permitiu aos indivíduos antigos anteciparem e planejar ações, seja na caça, na guerra ou na resolução de conflitos sociais. A capacidade de projetar mentalmente diferentes futuros contribuiu significativamente para a adaptação e sobrevivência (DONALD, 1991). A evolução das habilidades sociais em nossa espécie é um processo complexo que se desenrolou ao longo de milhares de anos. A imaginação e a ficção desempenharam um papel crucial nesse desenvolvimento, permitindo aos humanos explorarem cenários hipotéticos, entender perspectivas alternativas e construir narrativas complexas. A cooperação e o trabalho em equipe foram essenciais para sua sobrevivência: muitas vezes trabalhavam juntos para caçar grandes presas

ou defender seu grupo contra predadores ou outros grupos humanos. Nossos ancestrais criaram uma variedade de ferramentas para ajudá-los em suas tarefas diárias, desenvolvendo uma variedade de normas sociais e culturais que guiaram seu comportamento. A capacidade de criar cenários alternativos é uma forma de simulação mental que permite aos indivíduos explorarem diferentes possibilidades sem enfrentar as consequências reais dessas ações. Isso pode ter sido particularmente útil para nossos ancestrais, que poderiam usar essa habilidade para “praticar” diferentes estratégias de sobrevivência e convivência social. A imaginação permite aos indivíduos compartilharem suas ideias e experiências com os outros, e permite a expressão de conceitos abstratos e complexos que são fundamentais para a criação de cenários alternativos e ficção. Importa para uma tribo, por exemplo, saber que tipo de leão ataca em determinada região, que componentes do grupo são confiáveis ou não, quem fala de quem, quem acredita que o Deus da natureza está personificado na árvore perto do rio etc.

Os primeiros humanos começaram a desenvolver habilidades sociais mais sofisticadas há cerca de 400.000 anos. Eles desenvolveram ferramentas e armas de pedra mais avançadas, expandiram as redes de comércio e até evidenciaram o crescimento da comunicação social uns com os outros, seja pelo uso de gestos ou pelo uso de pequenas vocalizações que depois deram a nós a capacidade da fala. A capacidade de compartilhar recursos vitais com outros membros do grupo levou a laços sociais mais fortes e aumentou as chances de sobrevivência do grupo (DONALD, 1991). Por exemplo, há cerca de 2 milhões de anos, os primeiros humanos transportaram pedras por até 12 km para um local em Kanjera, no Quênia, onde fizeram ferramentas de pedra para abater animais. Outro exemplo disso é a prática de compartilhar alimentos e cuidar de bebês, que ajudou nossos ancestrais a enfrentar os desafios diários de seus ambientes. Com o tempo, os primeiros humanos começaram a se reunir em torno de fogueiras e abrigos para comer e socializar. A imaginação desempenhou um papel fundamental nesse processo, permitindo aos humanos visualizarem e planejar ações futuras, perceber quais animais eram perigosos, quem era quem e desempenhava qual papel no bando e quem eram os inimigos. A capacidade de nossos ancestrais de fazer conexões entre pessoas, lugares e coisas também foi de suma importância (DONALD, 1991).

Além disso, a imaginação permitiu aos nossos ancestrais criar e compartilhar histórias, o que provavelmente desempenhou um papel importante no desenvolvimento de habilidades sociais. A capacidade de criar e compartilhar histórias fictícias permitiu aos primeiros humanos explorarem diferentes perspectivas e construir narrativas complexas. Portanto, a imaginação foi fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais em nossa espécie, permitindo-nos explorar e entender o mundo social de maneiras cada vez mais complexas e a desenvolver linguagens cada vez mais expressivas e elaboradas para podermos, com o tempo, criar realidades que não seriam possíveis sem mentes trabalhando em conjunto e imaginando realidades coletivamente. A evolução da linguagem surgiu como um método de sobrevivência. As narrativas mitológicas e religiosas são expressões poderosas dessa capacidade. Ao contar histórias sobre deuses, deusas e eventos divinos, as culturas moldam suas crenças, valores e entendimentos sobre o propósito da existência. Por exemplo, as diversas mitologias gregas descrevem um panteão de deuses que personificam aspectos da natureza e da condição humana, construindo uma realidade simbólica que vai além da experiência cotidiana. A imaginação possibilita o conhecimento do real a partir da experiência do outro, servindo como meio de ampliação da experiência do homem. É o que ocorre quando construímos imagens de lugares, fatos e coisas que nunca vimos.

O *habitus*, conforme proposto por Bourdieu (2007), está no cerne da discussão imaginativa-real. O *habitus* é uma noção complexa que descreve as disposições incorporadas, internalizadas e habitualmente reproduzidas pelos indivíduos em suas práticas e comportamentos cotidianos. Em outras palavras, o *habitus* é um conjunto de disposições duradouras que moldam as maneiras como os indivíduos percebem o mundo, pensam, sentem e agem (BOURDIEU, 2007). Essas disposições são adquiridas através das experiências sociais e culturais dos indivíduos ao longo de suas vidas e são profundamente enraizadas em suas estruturas mentais e corporais. O *habitus* influencia as escolhas que os indivíduos fazem, as práticas que adotam e as maneiras como se relacionam com os outros e com o ambiente ao seu redor. Bourdieu enfatiza que o *habitus* não é uma simples reflexão do ambiente social, mas sim uma forma estruturada de estruturar e perceber esse ambiente. Ele argumenta que o *habitus* é gerado pelas condições sociais em que os indivíduos vivem e que, por sua vez, reproduz e perpetua essas condições sociais. Assim, o *habitus* desempenha um papel

fundamental na reprodução das hierarquias sociais e na manutenção das relações de poder existentes em uma sociedade. Ele influencia as oportunidades disponíveis para os indivíduos, suas aspirações, seus gostos e preferências, bem como sua posição social e econômica (BOURDIEU, 2007). O *habitus* também influencia a capacidade imaginativa dos indivíduos. As experiências e os padrões culturais internalizados moldam as possibilidades de imaginação e criatividade. Isso significa que o que é imaginado está enraizado nas estruturas e disposições do *habitus*, refletindo tanto as limitações quanto as possibilidades culturais e sociais. A relação entre o imaginativo e o real, portanto, é mediada pelo *habitus*. Os indivíduos constroem seus imaginários com base em suas percepções do real, que por sua vez são moldadas pelo *habitus*. No entanto, o imaginário não é uma simples reprodução do real; ele é construído e negociado dentro das estruturas e disposições. O termo também pode ser usado para conferir significado à resistência e a transformação, à medida que os indivíduos reinterpretem e reconstruam as práticas e significados culturais em suas próprias experiências imaginativas.

4 FICÇÃO, IMAGINAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

A linguagem, um dos pilares fundamentais das habilidades sociais, é, em si mesma, uma manifestação da imaginação. De acordo com Tomasello (2008), a linguagem evoluiu como uma ferramenta social, sendo a imaginação coletiva uma força motriz por trás dessa evolução. A capacidade de compartilhar histórias, conceber metáforas e criar narrativas compartilhadas permitiu o desenvolvimento de uma imaginação coletiva que moldou não apenas as interações diárias, mas também as estruturas sociais e culturais ao longo do tempo. A criação de narrativas mitológicas nas sociedades antigas proporcionou um terreno fértil para o desenvolvimento de habilidades sociais. Mitos, como o épico de Gilgamesh ou as narrativas gregas, não eram apenas contos fantásticos, mas também veículos para a expressão simbólica das complexidades humanas. Durand (2002) argumenta que essas narrativas não apenas proporcionavam um arcabouço comum de compreensão, mas também promoviam a coesão social, fornecendo um terreno comum para a troca de experiências e valores.

A capacidade de compartilhar narrativas e criar mundos imaginários foi uma força coesiva nas sociedades antigas. As mitologias, lendas e histórias transmitidas oralmente contribuíram para a construção de cooperação em grande escala. A ficcionalização de personagens e eventos não apenas permitiu a transmissão eficaz de conhecimento, mas também fortaleceu os laços sociais, proporcionando um arcabouço comum de compreensão. O teatro, desde suas origens nas antigas tradições gregas até as formas modernas, é um exemplo notável de como a imaginação molda a experiência social. Leakey (1995) observa que a representação teatral não é apenas uma expressão artística, mas uma ferramenta para a emulação social. Ao imaginar-se em papéis fictícios, os indivíduos desenvolvem empatia, compreendem diferentes perspectivas e refinam suas habilidades sociais através da representação de personagens imaginários. Portanto, a criação de cenários alternativos, a imaginação, a ficção e o desenvolvimento da linguagem humana estão todos interligados e desempenham um papel crucial na sobrevivência e no desenvolvimento social dos seres humanos. A imaginação é como uma ferramenta mágica que nossos ancestrais usaram para desbravar o território da possibilidade (DURAND, 2002). Ao criar narrativas, mitos e histórias, eles não apenas deram vazão à sua criatividade, mas também exploraram diferentes cenários e soluções para os desafios da vida. Essas histórias muitas vezes transmitiam valores, normas sociais e conhecimentos práticos de geração em geração. A ficcionalização da realidade permitia que as pessoas experimentassem mentalmente situações antes mesmo de vivenciá-las. Isso não só fortaleceu os laços sociais, já que todos compartilhavam dessas histórias, mas também impulsionou o desenvolvimento de habilidades sociais. Ao representar personagens em situações imaginárias, nossos antepassados praticavam empatia e compreensão, aprimorando suas habilidades de interação social. Além disso, a criação de mitos e lendas muitas vezes envolvia a resolução de conflitos e desafios, incentivando o pensamento criativo e estratégico.

A ficção muitas vezes se manifesta por meio de mitos e narrativas, que desempenham um papel central na formação da identidade cultural. Essas narrativas não apenas transmitem tradições, mas também exploram dilemas éticos, dilemas sociais e questões fundamentais que moldam a identidade de um grupo, criando arquétipos culturais, personagens e símbolos que se tornam elementos essenciais na identidade de uma comunidade. Esses

arquétipos são representações simbólicas de valores compartilhados e experiências culturais (GEHLEN, 1961).

4.1 NARRATIVAS COLETIVAS E MEMÓRIA CULTURAL

Com o desenvolvimento de sociedades mais complexas, a imaginação expandiu-se para além das necessidades práticas, encontrando expressão na ficção, na arte e na inovação cultural. As epopeias, peças teatrais e obras de arte representam a ficcionalização de ideias e emoções, proporcionando não apenas entretenimento, mas também uma plataforma para a exploração criativa de mundos imaginários. A complexa interação entre pensamento e linguagem destaca a importância de compreender como a linguagem, como sistema de articulação de signos verbais exclusivo do ser humano, molda o pensamento e contribui para a construção da cultura (GALLISTEL; GIBBON, 2021). A diversidade entre os seres humanos é realmente fascinante, especialmente quando comparada à previsibilidade dos outros animais. O papel fundamental da linguagem na formação do pensamento humano é evidente, permitindo-nos expressar necessidades de causa maior e criar emoções difíceis de entender a olho nu. Refletir sobre o pensamento humano sem considerar sua inserção cultural e sua relação com a linguagem seria, de fato, limitado (GALLISTEL; GIBBON, 2021).

Além das necessidades físicas básicas, a linguagem é essencial para a sobrevivência humana. A privação da capacidade de se comunicar verbalmente resulta em uma desorganização completa da vida mental, evidenciando que o ser humano é intrinsecamente um "ser de linguagem", como já havia sido dito por Lacan (1978). Na psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, o simbolismo desempenha um papel crucial na interpretação dos sonhos e na compreensão do inconsciente. Símbolos podem representar desejos reprimidos ou complexos psicológicos. As práticas religiosas frequentemente fazem uso extensivo de símbolos. Estes podem representar divindades, conceitos espirituais e princípios éticos. O simbolismo religioso desempenha um papel central na transmissão de crenças e na expressão da fé. A imaginação, assim, serviu como um laboratório mental para testar possibilidades, antecipar problemas e desenvolver soluções inovadoras. Essa prática constante da ficcionalização

da realidade contribuiu significativamente para a evolução das habilidades sociais e adaptativas de nossos ancestrais.

Vamos imaginar um grupo de caçadores-coletores ancestrais reunidos ao redor de uma fogueira. Na escuridão da noite, eles começam a compartilhar histórias sobre suas experiências, desafios enfrentados e soluções encontradas. Ao narrar histórias, os indivíduos poderiam se colocar mentalmente em situações diversas. Isso permitia que eles experimentassem possíveis desafios e soluções sem enfrentar diretamente as consequências reais. As histórias não eram apenas entretenimento: eram uma forma de aprendizado (DURAND, 2002). Ou, com outras palavras, uma maneira de construir o *habitus* (BORDIEU, 2007), cuja natureza sintetiza “um sistema de disposições socialmente constituídas que formam o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2007, p. 191). Ao ouvir as experiências dos outros, as pessoas podiam absorver conhecimentos práticos sobre caça, coleta, enfrentamento de predadores e interações sociais. As narrativas muitas vezes envolviam obstáculos ou desafios a serem superados. Através da imaginação, os indivíduos podiam explorar diferentes maneiras de resolver problemas, incentivando a criatividade e o pensamento inovador. Ao passar essas histórias de geração para geração, os conhecimentos práticos e as soluções inventivas também eram transmitidos. Isso formava uma base cultural que fortalecia a coesão social e promovia a sobrevivência do grupo. Ao representar personagens em diversas situações, as histórias desenvolviam a empatia. Isso permitia que os indivíduos compreendessem melhor as emoções e perspectivas dos outros, promovendo relações sociais mais harmoniosas (DURAND, 2002). A criação e o compartilhamento de histórias e mitos são aspectos fundamentais da imaginação humana. Através do desenvolvimento da linguagem, os grupos humanos puderam criar narrativas compartilhadas que transmitiam valores culturais, crenças e tradições. Exemplos incluem as mitologias grega, romana, egípcia e de muitas outras culturas antigas, que desempenharam um papel importante na coesão social. A ficção narrativa representa um contexto de desenvolvimento para cultivar competências sociomoraes, como a tomada de perspectiva, a empatia e os julgamentos morais contextualizados. As narrativas ficcionais desempenharam um papel crucial na construção de narrativas coletivas e na transmissão da memória cultural ao longo do tempo. (DONALD, 1991). Donald as chama de ficcionais

por categorizarem sistemas de fala e de comunicação que dependiam da criação de histórias apenas existentes na cabeça das pessoas que as criavam. A ficção toma a dianteira da evolução quando dá ao homem, através dos processos cognitivos, a capacidade de acreditar em grande escala e imaginar coisas que não existem na realidade concreta, mas por diferentes motivos vão sendo criadas para favorecer o trabalho em grupo, a comunicação empática, a caça e a coleta (DONALD, 1991). A criação de histórias envolve a manipulação de elementos narrativos como personagens, enredos, conflitos e ambientes. A necessidade de comunicar esses elementos estimulou o desenvolvimento de estruturas linguísticas mais complexas. A progressão temporal, a coesão textual e a estruturação de eventos tornaram-se elementos essenciais para contar uma história de maneira envolvente. Assim, as narrativas ficcionais contribuíram para a evolução da linguagem, incentivando a criação de vocabulário mais rico e estruturas gramaticais mais elaboradas. Por meio dessas histórias, as comunidades preservaram e transmitiram conhecimentos, valores, crenças e tradições de uma geração para outra. Mitos muitas vezes explicavam a origem do mundo, a natureza e a existência humana, fornecendo um quadro interpretativo compartilhado que unia as pessoas em torno de uma compreensão comum.

A linguagem, ao adaptar-se às necessidades de contar histórias, tornou-se uma ferramenta poderosa para a preservação cultural. (ISER, 1993). A habilidade de transmitir informações de maneira narrativa permitiu que as sociedades registrassem sua história, transmitissem seus valores e ensinamentos, e mantivessem viva a identidade cultural. A linguagem não era apenas um meio de comunicação, mas também uma expressão dinâmica da riqueza cultural de uma comunidade. As narrativas ficcionais contribuíram para a formação da identidade de uma comunidade, criando um senso compartilhado de pertencimento e compreensão do mundo. Através das histórias, as pessoas encontraram maneiras de se relacionar umas com as outras, entender seus antepassados e conceber seu papel no contexto da sociedade. Isso promoveu a coesão social e fortaleceu os laços entre os membros de uma comunidade. Com o tempo, a capacidade ficcionalizante do *homo sapiens* criou uma espécie de simulação que permitiu aos leitores do futuro se relacionarem com personagens fictícios e explorar suas perspectivas de uma distância segura, mas com uma intimidade vívida, teletransportando-se por realidades-outras criadas por

escritores e leitores, que em conjunto inscrevem noções de sentido diferentes. O escritor escreve a obra com algum intuito, que não necessariamente precisa ser a descrição fiel da realidade (ISER, 1993). Na verdade, a sua função é distorcer os limites da realidade para criar uma obra única. O leitor, por sua vez, vê o mundo com os seus olhos e através daquele texto pode fazer leituras muito mais profundas e misteriosas do que as que o escritor quis dizer ou transmitir. A ficção fornece histórias que podem ser compartilhadas entre membros de uma comunidade. Ao compartilhar narrativas imaginativas, as pessoas criam pontos em comum, promovendo uma sensação de pertencimento e identidade compartilhada. Através da imaginação, as pessoas podem compartilhar experiências emocionais e cognitivas mesmo que fictícias. Isso cria uma conexão emocional entre os membros de um grupo, fortalecendo os laços sociais por meio do compartilhamento de sentimentos e reações comuns. Ficções, mitos e histórias muitas vezes se tornam parte das tradições culturais. Ao participar dessas tradições, as pessoas reforçam seus laços sociais, criando uma continuidade entre as gerações e promovendo um senso de pertencimento. O compartilhamento de histórias e a participação em experiências imaginativas promovem um senso de confiança mútua. O ato de compartilhar pensamentos íntimos e criativos origina um ambiente de abertura, fortalecendo os laços sociais (DONALD, 1991). A Modernidade, inaugurada e pautada pela filosofia cartesiana, apontou para a entrada na cena filosófica – do palco do século XVII de um excessivo racionalismo, ao desprezar a História e as humanidades, fundadas nas fábulas, nos mitos, na poesia, como frutos da imaginação, da fantasia e do engenho, modeladamente criados pelos primeiros homens, tidos como imanes, ferocíssimos.

Em "O Pensamento Selvagem" (1962), Lévi-Strauss destaca como a imaginação desempenha um papel na criação de mitos que, por sua vez, influenciam a compreensão individual e cultural da identidade. Lévi-Strauss explora profundamente as estruturas do pensamento mítico em diversas culturas, especialmente em sociedades consideradas "primitivas" ou "selvagens". Strauss argumenta que o pensamento mítico é uma expressão simbólica da estrutura profunda do pensamento humano, uma forma de lidar com contradições aparentes e paradoxos. Ele desenvolve a ideia de "bricolage mental", comparando o processo de criação mítica ao trabalho do *bricoleur*⁴, que utiliza materiais disponíveis para construir algo novo. Da

mesma forma, as sociedades humanas utilizam elementos culturais existentes para formar narrativas míticas que ajudam a explicar o mundo ao seu redor.

A imaginação, para Lévi-Strauss, é uma força criativa que transcende a mera reprodução da realidade. Os mitos são produtos dessa imaginação, moldando-se a partir da combinação de elementos culturais e simbólicos (STRAUSS, 1962). Essas narrativas míticas desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural, fornecendo um arcabouço interpretativo que influencia a visão de mundo de uma sociedade e a forma como os indivíduos se percebem dentro dela. A imaginação, para Lévi-Strauss, é uma força criativa que transcende a mera reprodução da realidade. Os mitos são produtos dessa imaginação, moldando-se a partir da combinação de elementos culturais e simbólicos. Essas narrativas míticas desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural, fornecendo um arcabouço interpretativo que influencia a visão de mundo de uma sociedade e a forma como os indivíduos se percebem dentro dela. Strauss (1962) destaca a presença de oposições binárias fundamentais em muitos mitos e sistemas de pensamento. Essas oposições podem envolver conceitos como cru/cruel, natureza/cultura, vida/morte. Ele argumenta que as dicotomias presentes nos mitos são universais e refletem estruturas mentais fundamentais, principalmente devido à sua abordagem estruturalista e à crença de que existem padrões cognitivos inatos na mente humana. Influenciado pelo estruturalismo, acreditava na universalidade de certas estruturas mentais básicas compartilhadas por todos os seres humanos. Temas como a criação do mundo, o dilúvio e heróis culturais aparecem em diversas narrativas, sugerindo padrões cognitivos compartilhados (STRAUSS, 1962). Ele postulou que, apesar das diferenças culturais, as mentes humanas possuem padrões cognitivos comuns que moldam a forma como as pessoas percebem e organizam o mundo ao seu redor. Ele observou padrões, nos mitos, que envolvem transformações e metamorfoses, refletindo a compreensão humana do processo de mudança, tanto na natureza quanto na sociedade. A complexidade simbólica presente nos mitos era vista por Lévi-Strauss como um padrão cognitivo. Ele argumentava que a aparente confusão e multiplicidade de detalhes nos mitos revela uma forma de raciocínio simbólico e estruturado. Joseph Campbell, um mitólogo e escritor norte-americano, conhecido especialmente por sua obra "O Herói de Mil Faces" (*The Hero with a Thousand Faces*),

publicada em 1949, explora a ideia do "monomito" ou "jornada do herói", argumentando que mitos de diferentes culturas compartilham uma estrutura narrativa comum. Ele analisa mitos de diversas tradições e destaca padrões recorrentes que envolvem a jornada, os desafios, a transformação e o retorno do herói para casa. Muitos mitos abordam temas fundamentais e experiências humanas universais, como nascimento, morte, amor, conflito e transformação. Os padrões nos mitos, lendas, narrativas orais e histórias fantásticas, passadas de pai para filho, podem surgir da tentativa de compreender e expressar aspectos comuns da existência humana. A psicologia analítica de Carl Jung sugere a existência de um inconsciente coletivo, em que padrões arquetípicos universais residem. Sendo expressões simbólicas profundas, as narrativas coletivas podem emergir desses arquétipos presentes na psique coletiva, por isso desempenham um papel importante na coesão social e na transmissão de valores culturais (CAMPBELL, 1989).

4.2 FICÇÃO PARA ALÉM DA EXPRESSÃO LITERÁRIA

A poesia épica e a tragédia, a comédia e a poesia ditirâmbica e a música de flauta e de lira na maioria das suas formas são todas na sua concepção geral modos de imitação (mimesis). Porém, elas diferem entre si em três aspectos: o meio, os objetos e a maneira ou modo de imitação que é distinto em cada caso (CHAUÍ, 1994).

Como vimos anteriormente, o imaginário desempenha um papel crucial entre Imaginação, Ficção e Linguagem, permitindo atos de fingir que ultrapassam os limites entre ficção e realidade (ISER, 2013). No entanto, para compreender essa relação, é necessário romper com a dicotomia tradicional entre realidade e ficção. A oposição entre realidade e ficção tem raízes na condenação da arte imitativa por Platão e na visão "iluminista" que enfatiza a razão, relegando o imaginário ao domínio das irrealidades, ficções e sonhos.

A crítica de Platão à ficção como nociva baseia-se na ideia de que ela cria apenas aparências, afastando-se da verdade. No entanto, Platão também reconhece a defesa da poesia por aqueles que são amantes dela, sugerindo sua utilidade para os Estados e a vida humana. A dificuldade em

definir o que é realidade e a subestimação do papel do imaginário são destacadas. Cornelius Castoriadis critica a falta de ênfase dada à imaginação na filosofia da subjetividade (CASTORIADIS,1992). Iser (1993), por sua vez, enfoca a experiência difusa e aberta do imaginário, que possibilita a invenção do possível, antecipando uma outra realidade. Iser (1993), em seus estudos, relaciona-se com contextos histórico-culturais e destaca a consciência da colonização do espaço linguístico pelos discursos dominantes (ISER, 1993). Ao mesmo tempo, Iser mergulha na intrincada questão da ficcionalidade, explorando suas implicações antropológicas e seu jogo oscilante entre imitação e simbolização na obra literária. Ele tece uma análise profunda da literatura clássica e renascentista inglesa, dialogando com a filosofia moderna, desde Bacon até Vaihinger, passando por Sartre e Castoriadis. Iser destaca a tematização da ficção no discurso filosófico, revelando a imbricação entre teoria literária e teoria do conhecimento. A análise de Iser atinge seu ápice na literatura fantástica, na qual se converte em realidade e o real se torna um território conquistado da fantasia (ISER, 1993). Ele ressalta que a fantasia, ao reorganizar e inverter o real, desempenha um papel crucial no ato de leitura. Iser argumenta que a "lógica do imaginativo" se manifesta na suspensão de uma consciência focalizante, revelando-se nas formas bizarras da fantasia. Iser (1993) destaca que o ficcional coloca em perspectiva verdades socialmente aceitas, envolvendo intelectualidade e afetividade. Iser, ao desdobrar a pergunta sobre o que é o ficcional, transcende a mera ilustração histórica ou filosófica, posicionando-o como algo distintivo e intrínseco. O autor visa a instaurar uma metafísica do concreto, e é justamente nessa direção que a criação ficcional se revela mais efetiva, pois exige que o leitor se lance ativamente no processo imaginário de constituição do real. Cumpre reiterar que não se trata de afirmar a imaginação como sendo suficiente para constituir a realidade humana. Para negar o real e instituir o irreal, é necessário que o homem se coloque livremente como agente criador, que ele instaure a conexão entre imaginação e liberdade (LIMA, 1986). Nesse sentido, tal como Sartre afirmará em "Que é a Literatura?" (2015), é preciso "mentir para dizer a verdade". Nessa direção, o existencialismo sartriano, denunciando as insuficiências da linguagem conceitual para abordar esse tema, exigirá a adesão a certos aspectos pertinentes à criação ficcional. Ou seja, é o recurso à forma literária que vai viabilizar a expressão do "existencial em suas próprias situações" – para ficarmos nos dizeres de Júlio Cortázar

(2015). Daí à inequívoca relevância que a reflexão acerca dessa forma de expressão e da criação literária adquire nesta filosofia. Há a noção de que a ficção, ao realizar atos de fingir, rompe com a dicotomia tradicional, proporcionando a emergência do imaginário na construção narrativa. Nesse contexto, a linguagem é apresentada como a ferramenta por excelência que viabiliza a expressão desses atos de fingir, permitindo a criação de mundos fictícios e a desconstrução de concepções pré-estabelecidas. A linguagem, nesse cenário, não é apenas um veículo de comunicação, mas uma força dinâmica que amplia os limites do pensamento humano.

A capacidade de criar, transgredir fronteiras e reinventar realidades está intrinsecamente vinculada ao uso da linguagem. Bakhtin (1981) explora conceitos essenciais na teoria da literatura. Bakhtin destaca a heteroglossia, dialogismo e cronotopo, fundamentais para uma Poética do Tempo na análise da comunicação. A heteroglossia, a primazia do contexto sobre o texto, guia a produção de significados. A linguagem híbrida, poliglossia, exige que o emissor se aproprie das palavras alheias, dando origem à intertextualidade. No ensaio "A épica e o romance" (BAKHTIN, 2019), Bakhtin diferencia Romance e Épica. O Romance, produto da Europa industrial, abraça a diversidade, enquanto a Épica retrata outros mundos e tempos, enfatizando a unidade. O Romance, para Bakhtin, incorpora e preserva a unidade narrativa ao adotar formas diversas, ao contrário de outros gêneros (BAKHTIN, 2019). Em "Da Pré-História Do Discurso do Romance" (1941), Bakhtin traça a genealogia do romance, conectando os gêneros do passado ao romance moderno. "As Formas do Tempo e do cronotopo no romance" (BAKHTIN, 2019) apresenta o cronotopo, a fusão de tempo e espaço na narrativa, em que passado e presente coexistem. O cronotopo é crucial na criação de mundos narrativos, refletindo a densidade temporal e os marcadores históricos. Em "O Discurso no romance" (BAKHTIN, 2019), Bakhtin desenvolve uma Filosofia da Linguagem, introduzindo a heteroglossia, que destaca a impossibilidade de neutralidade na linguagem, uma vez que cada palavra está vinculada ao seu contexto (BAKHTIN, 1981). A questão do cronotopo revela como o conhecimento iminente pode alterar-se, trazendo consigo os valores do tempo. Em "O Idiota" de Dostoievski, o tempo é urgente, revelado pelo medo e conhecimento de eventos futuros. O passado é fragmentado, constituindo o presente, com ações reversíveis e lacunas que implicam mudanças. A

conexão com o passado permite inovações, embora muitas vezes seja percebida como decadência, levando a uma aparente volta ao passado.

A análise da obra "Tristram Shandy", de Laurence Sterne oferece uma perspectiva prática sobre a interação entre imaginação e construção literária. Sterne, atuando como diretor de cena e ator, convida os leitores a participarem ativamente da performance imaginativa. Iser (1992) destaca como Sterne desafia a reconstituição de fatos reais, priorizando a representação e ativando a imaginação dos leitores para constituir a performance narrativa. Sterne, ao atuar como diretor de cena e ator em "Tristram Shandy", conduz os leitores por um terreno literário não convencional. Esse experimento literário pode ser compreendido como uma tentativa deliberada de romper com as estruturas narrativas tradicionais, convidando os leitores a participarem ativamente da performance imaginativa proposta pelo autor. A abordagem de Sterne desafia as normas estabelecidas ao suspender cenas, referir-se a eventos simultâneos e interromper o fluxo linear da narrativa. Iser observa que Sterne age como um "diretor de cena", guiando os leitores na constituição da performance imaginativa (ISER, 1998, p. 91). Esse desafio deliberado às convenções narrativas tradicionais visa ativar a imaginação dos leitores, convidando-os a preencher lacunas, conectar eventos e participar ativamente da construção do significado. A narrativa de "Tristram Shandy" pode ser considerada um caso exemplar de experimento literário, no qual Sterne busca deliberadamente envolver os leitores na criação de significado. Conforme Iser destaca, Sterne não pretende reconstituir fatos, mas, sim, ativar a imaginação dos leitores para constituir a performance (ISER, 1998, p. 91). Esse caso exemplifica como a prática literária pode transcender as normas convencionais, transformando-se em um convite à participação ativa e imaginativa dos leitores.

A discussão acerca da natureza da linguagem e sua relação intrínseca com a experiência estética é um tema recorrente nas obras de Jorge Luis Borges. Ao iniciar a análise pela conferência "La poesia", proferida por Borges e presente na coletânea "Siete Noches," somos conduzidos ao âmago de sua visão poética. Nessa conferência, Borges não apenas sublinha o papel do poeta como criador, mas também lança luz sobre a arbitrariedade que permeia a linguagem em sua relação com a essência última das coisas (BORGES, 1981). Borges, ao discutir o papel do poeta, destaca-o como um ser dotado de poderes criativos singulares. A figura do

poeta, segundo ele, é capaz de conferir múltiplos sentidos a uma palavra, transcendendo sua mera designação para incorporar a complexidade de experiências estéticas (BORGES, 1981, p.101). Benedetto Croce, filósofo italiano, fornece um arcabouço teórico que corrobora essa visão borgeana, ao afirmar que a verdadeira arte é, antes de tudo, expressão (CROCE, 2005). Borges sustenta a tese de que a linguagem, longe de ser um espelho fiel da realidade, é um construto arbitrário, cujos significados são forjados pela experiência humana (BORGES, 1981, p.102).

Foucault (1994), em sua própria declaração, afirma que não faz "outra coisa senão ficções" (FOUCAULT, 1994, p. 44). Esse enigma em torno da natureza da ficção no trabalho de Foucault abre caminho para uma exploração profunda do papel da linguagem na constituição do pensamento. Ao abordar a linguagem como fundamento da realidade humana, Foucault (1994) fornece um ponto de ancoragem para compreender a relação intrínseca entre ficção, linguagem e pensamento. A própria ideia de ficção como uma forma de pensamento se manifesta como uma hipótese neste ensaio, guiando a investigação em direção ao enigma que permeia a obra de Foucault. No entanto, a noção de ficção em Foucault não se revela de maneira clara e explícita. Sua resposta evasiva sobre seu trabalho como "não sendo senão ficções" (FOUCAULT, 1984, p. 44) confere à ficção um caráter enigmático, desafiando definições precisas. Este aspecto torna-se particularmente relevante quando se considera a "ilusão retrospectiva" que Foucault parece criar, reformulando constantemente suas pesquisas à luz de uma unidade que marca as diversas fases de seu pensamento (FOUCAULT, 1984). A noção de ficção, portanto, não é apenas uma categoria literária, mas uma lente pela qual se pode investigar a episteme moderna, a configuração do pensamento e a posição do autor frente à sua obra. Este ensaio propõe uma análise cuidadosa desses elementos, destacando a contribuição singular de Foucault para a compreensão da interseção entre filosofia, literatura e linguagem.

A evolução da linguagem no século XIX, conforme delineada por Foucault, introduz uma transformação radical. A linguagem, que antes constituía uma "prosa do mundo" intrinsecamente vinculada à natureza, adquire autonomia e se torna um objeto em si mesma. O movimento de deslocamento na ordem da linguagem reflete-se na emergência da literatura como fenômeno moderno. No século XIX, a linguagem deixa de ser um sistema arbitrário refletindo o mundo para se tornar um sistema autônomo,

afastando-se da marca visível da natureza para assumir um papel mais abstrato e fictício. Foucault destaca a "condição de desenvolvimento" característica desse período, em que as palavras se tornam mais sensíveis, abstratas e fictícias, mas, paradoxalmente, mais verdadeiras e eficazes. A "dobra" foucaultiana na linguagem revela a interseção entre as ordens interna e externa, envolvendo a dimensão estrutural da linguagem e a configuração histórica do pensamento na modernidade. A hipótese da ficção como forma de pensamento se enraíza nesse contexto, explorando a relação entre a ficção, a linguagem e as transformações epistemológicas na obra de Foucault.

A hipótese da ficção como forma de pensamento, ancorada na análise da linguagem em Foucault, oferece uma perspectiva única para compreender a evolução do pensamento na modernidade, destacando a importância da ficção como uma força motriz na configuração do discurso e do pensamento contemporâneos. Foucault, ao dissolver a linguagem no funcionamento da representação, destaca a redução da linguagem à validade do discurso, em que ela se limita ao "fazer signo" e simultaneamente significar algo, perdendo a passagem ontológica e adquirindo autonomia a partir do século XIX. Nesse contexto, a literatura surge como uma "linguagem tornada objeto", com sua própria espessura, história e leis, compensando a perda da dimensão ontológica por meio de diferentes modos compensatórios, sendo a literatura o mais significativo deles. A linguagem na literatura se configura como um "contradiscurso", uma forma autônoma que desafia e transcende as limitações do discurso convencional. Foucault (1984) destaca que a literatura é uma linguagem singular, cuja modalidade própria é ser literária. Ela se apresenta como uma forma de difícil acesso, dedicada a si mesma, voltada para o ato puro de escrever e resgatar o ser selvagem e imperioso das palavras. A ficção, para Foucault, é uma linguagem de ficção, uma forma complexa que simultaneamente apoia e contesta a palavra. Ela reside no espaço exíguo do afastamento próprio à linguagem, oferecendo um entrecruzamento de linhas e esboçando a possibilidade de um ato desprendido de escrever. A ficção habita a relação da linguagem com as coisas, sua existência não depende dela, mas ela revela a distância, a luz e a inacessibilidade das coisas. Foucault ressalta que a ficção não faz ver o invisível, mas faz ver quanto é invisível na invisibilidade do visível. Ela se assemelha ao espaço, sendo para a ficção o que o negativo é para a reflexão. A ficção, portanto, não está

preocupada em revelar o oculto, mas em destacar a invisibilidade presente no visível, explorando a proximidade do mais distante e a dissimulação onde estamos.

5 IMAGINAÇÃO COMO IMPULSIONADORA DA CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA: O ENRIQUECIMENTO DA LINGUAGEM ATRAVÉS DE CONCEITOS ABSTRATOS

Quando vemos uma pomba voando, estamos longe de simplesmente ver. Desenhamos no espaço sua trajetória, armamos um espaço tridimensional para servir de suporte a esse desenho, adivinhamos o movimento das asas, a resistência do ar, e quase estamos vendo, como se tivéssemos olhos de raios x, o esqueleto da pomba. [...]

Rubens Rodrigues Torres Filho. A virtus dormitiva de Kant. In: "Ensaio de Filosofia Ilustrada". Brasiliense, São Paulo, 1987, p. 25-6.

Não é de hoje que as pessoas insistem em dizer que a criatividade é resultado das reações do lado direito do cérebro. Na verdade, a criatividade é o resultado de reações que ocorrem em vários locais do cérebro, independentemente do lado: esquerdo ou direito. O surgimento dessa teoria vem do século XIX (1801 a 1900), início da neurociência. Neurociência é a ciência que estuda o cérebro humano e visa desvendar o funcionamento cerebral e suas milhares de funções. Cinquenta anos mais tarde, o homem já conhecia melhor o cérebro e sabia que a capacidade de ser criativo está relacionada a vários outros fatores, como a imaginação. Aí, surge a pergunta: mas, de onde vem a imaginação? Em 1990, foi possível descobrir, através de pesquisas, que a imaginação tinha origem no mesmo lugar de onde vem os sentidos, no córtex pré-frontal. Isso levou a uma linha de pensamento que se aproxima da origem da criatividade.

Os autores argumentam que a linguagem é um sistema de signos arbitrários que se relacionam por convenção social, e que é uma capacidade inata dos seres humanos, que se manifesta desde o nascimento e se desenvolve ao longo da vida. Isso significa dizer que a linguagem não tem uma relação natural ou necessária com as coisas que ela representa, mas, sim, uma relação baseada na escolha e no acordo dos falantes. Por exemplo, não há nada na palavra “cachorro” que indique que ela se refere a um animal de quatro patas que late. Essa é uma associação que os falantes da língua portuguesa fizeram por convenção social, e que pode ser diferente em outras línguas. Assim, a linguagem é um sistema de signos arbitrários, que são unidades que combinam um significante (a forma sonora ou gráfica) e um significado (o conceito ou a ideia). Esses signos se relacionam entre si por convenção social, seguindo regras e padrões que os falantes conhecem e usam para se comunicar através do signo ideológico. Eles discutem as funções da linguagem na comunicação, na expressão, no pensamento e no conhecimento, bem como as formas de cultura que a linguagem reflete. Eles também explicam que a linguagem é uma forma de expressão da subjetividade, do pensamento e do conhecimento, e que ela reflete as formas de cultura dos grupos sociais, como os valores, as crenças e as identidades. Eles dão exemplos de como a linguagem varia de acordo com o contexto histórico, geográfico e cultural, e como ela pode ser usada para diferentes finalidades, como informar, persuadir, emocionar, entreter etc.

Jung (1945) propôs uma lei fundamental da imaginação e argumenta que seu modo de operação é sonoro, acústico e fonético. Aponta para a relação entre Logos e Imagem, entre palavra e fantasia, em que podemos entender que tanto as palavras como as imagens são fantasias sonoras. É curioso notar que todas estas investigações e observações de Jung são feitas durante o ano de 1902, exatamente cinco anos antes de Ferdinand Saussure, começar o seu “Curso de Linguística Geral” em Genebra.

Nietzsche (1872) delinea a dualidade intrínseca do pensamento humano, distinguindo dois modos fundamentais: o pensar por imagens, mediado pela imaginação, e o pensar por conceitos, guiado pela razão. A imaginação, segundo ele, é a força motriz que dá origem a "pensamentos originais", enquanto a razão opera na avaliação conceitual posterior. Para Nietzsche, a linguagem não surge de forma lógica, mas como resultado de um poder estranho e ilógico - a imaginação. A criação de metáforas e a associação de imagens são elementos fundamentais na formação da

linguagem, transcendendo uma gênese puramente lógica. A imaginação, definida como uma "dupla força artística", desempenha um papel central na produção de imagens e na escolha criteriosa entre elas. O pensamento por imagens é caracterizado pela rápida percepção de semelhanças, criando uma profusão de representações mentais que servem como matéria-prima para o pensamento posterior. Contrapondo-se à visão tradicional, Nietzsche questiona a suposta superioridade da razão, destacando que as palavras não levam diretamente às coisas, mas são metáforas que refletem a natureza subjetiva do pensamento humano. Para Nietzsche (1872), o pensamento é inerentemente poético e criativo, originando-se da imaginação. A linguagem, longe de ser um espelho fiel da realidade, é uma construção artística que reflete a tendência natural do homem em direção à aparência e à ilusão. Compreender essa natureza artística do pensamento é essencial para uma visão mais profunda da condição humana.

5.1 METÁFORA COMO EXEMPLIFICAÇÃO NOTÓRIA DO APORTE DA IMAGINAÇÃO E DA FICÇÃO NA LINGUAGEM

A metáfora é vista como uma expressão que gera inovação semântica, utilizando o jogo da semelhança e dissemelhança. Para ser "viva", ela deve surpreender e produzir uma inovação pertinente, admitindo que o sentido figurado precede o literal. A metáfora agrícola, em particular, associa a experiência visual à linguística, destacando a indissociabilidade entre imagem metaforizante e verbalizada. A visão da metáfora como uma "hormona da imaginação" destaca seu papel catalisador no ato imaginativo, promovendo a tonificação psíquica do sujeito. Sua capacidade de gerar sentidos novos é enfatizada, indicando que a metáfora oferece uma nova informação sobre a realidade. A relação entre metáfora e símbolo é explorada, destacando que a metáfora, ao abrir-se ao símbolo, vai além de um mero procedimento retórico. Ela adquire um estatuto de "mais ser" e gera um "excesso" de sentido novo que amplia horizontes antes fechados. A metáfora viva é considerada uma verdadeira criação de sentido. A metáfora, ao se conduzir na esteira do simbólico, é descrita como um modo específico de pensamento que, ancorado nos constrangimentos da língua, produz arranjos verbais visando um segundo sentido figurado (RICOEUR, 2011). Ricoeur (2011) ressalta a metáfora como uma ferramenta crucial na

educação e na imaginação, explorando sua relação com o símbolo e destacando sua capacidade de gerar inovação semântica e criar novos sentidos. A metáfora viva é apresentada como uma força dinâmica que transcende a simples ilustração, alcançando um estatuto de verdadeira criação de sentido. É interessante notar que a metáfora desempenha um papel crucial na abertura para o símbolo, permitindo adentrar o âmago da imaginação, seja na criação de metáforas e símbolos vivos ou na reprodução de metáforas mortas e estereótipos. A relação entre metáfora e símbolo é complexa, mas é fundamental compreender que redescrever não se limita a descrever; cabe à imaginação ultrapassar a mera reconstrução descritiva e assumir uma função projetiva intrínseca ao dinamismo do agir (RICOEUR 2011, p. 223). Essa função projetiva desempenha um papel central na utopia, sendo uma dimensão do imaginário social que incentiva o sujeito a antecipar virtualmente o futuro por meio do poder de fazer. A ação, segundo Ricoeur, não existe sem imaginação e, portanto, sem o elemento utópico que estimula transformações mais ou menos radicais (RICOEUR, 1986, p. 2011). A metáfora conduz ao cerne da imaginação, atuando como uma matriz da criatividade. Ao trazer algo novo sobre a realidade e produzir inovações semânticas, a metáfora impulsiona a imaginação a inventar "vida nova" e a abrir os olhos para novas formas de visão (BACHELARD, 1993). A relação metáfora-símbolo é crucial, pois ambas funcionam como "hormônios" da imaginação, sendo a metáfora o momento semântico do símbolo (RICOEUR, 2011). A interpretação hermenêutica da metáfora agrícola sugere uma leitura mais profunda, buscando raízes nos símbolos da vegetação e em seus ritos de renovação. O símbolo vegetal, representado pela árvore, é vinculado ao cosmos e possui um caráter ligado, diferenciando-se da metáfora (RICOEUR, 2011). A metáfora agrícola, ao se tornar "viva", absorve a aura do simbolismo vegetal, apresentando-se como um procedimento linguístico que deposita o poder simbólico. Essa interação entre metáfora e símbolo resgata a imaginação e suas produções de ficções, enriquecendo a construção de diferentes tipos de racionalidade (RICOEUR, 2011). Em suma, a metáfora e o símbolo desempenham papéis cruciais na dinâmica da imaginação, permitindo a criação de novas significações e a abertura para a transcendência simbólica. Essas figuras pregnantes simbolicamente, presentes nos textos educacionais, podem ser consideradas como uma expressão do alter-ego da própria imaginação. Percebemos que os autores com os quais viemos trabalhando possuem a

tendência de enfatizar a questão da metáfora como algo que uniria em si a criatividade e a imaginação, pois a criação de uma boa metáfora é um exercício criativo e imaginativo de uma pessoa que se expressa através de algum meio e que promove a associação, por parte dos receptores, de domínios diferentes do conhecimento.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a criação de metáforas seria uma característica muito comum na imaginação criativa. O conceito de imaginação criativa deriva da noção desenvolvida por Kant de imaginação reprodutiva e produtiva. A imaginação produtiva seria responsável pela produção de imagens derivadas da memória. Ela pode ser utilizada não criativamente, como no caso das fantasias e devaneios, mas, quando ela se relaciona com ideias estéticas, que seriam um tipo de produto da imaginação, a criatividade ocorreria. Nós podemos apreender um objeto que percebemos, pois podemos formar imagem de outros objetos semelhantes. Quando um objeto não é percebido no mundo real diretamente, como um objeto de arte, a imaginação se torna livre de qualquer referência externa, não estando mais atrelada aos conceitos. Quando vemos um objeto representado artisticamente, não o julgaremos com base nos conceitos inerentes à existência desse objeto, mas, sim, estaremos preocupados com sua beleza e com o fato de que este objeto manifesta uma certa completude, produto da imaginação. As metáforas geram muitos pensamentos, mas aquilo que elas dizem não pode ser completamente parafraseado por qualquer linguagem literal, elas envolvem o uso da imaginação.

Gaut (2000) aborda a questão da metáfora como expressão paradigmática da imaginação criativa. Segundo ele, a metáfora é uma expressão da imaginação, desde que se diga, metaforicamente, que x é y , convida-se a pensar ou a se imaginar x como sendo y . Esse exercício une dois domínios diferentes em uma nova forma criativa que em muitos momentos suscitam novos *insights* para esses domínios. A formação de metáforas seria, para o autor, um paradigma do uso criativo da imaginação, uma vez que ela demonstra como a imaginação criativa pode trabalhar mais claramente, nos auxiliando a compreender melhor a imaginação criativa.

Gaut (2000) aponta também a característica criativa da imaginação, que pode ser percebida através do exercício metafórico do “ver como”, tanto na arte como na ciência. Os artistas induziriam o espectador a “ver como” (*see as*) um determinado aspecto da existência, bem como os trabalhos científicos, que induzem a um determinado modo de perceber o mundo

natural ou conceitual. A imaginação possuiria uma estreita relação com a criatividade, já que esta pode vir a ser associada com o conceito de atividade da mente. O conceito de imaginação pressupõe sempre que a mente é uma entidade ativa, muito mais do que passiva ou apenas um recipiente de dados perceptuais. A atividade imaginativa traz em si o conceito de construção, a ideia de que cada mente individual constrói um modelo de realidade para tudo aquilo que percebe no mundo externo. Esta noção contraria a ideia de que a mente seria uma entidade mimética que reproduziria exatamente aquilo que é percebido, representado pela metáfora da mente, moldável, como a cera de abelha ao ser “aquecida”, pela ação perceptual.

De acordo com Avens (1993), a atividade imaginativa, além de sua função reprodutiva, tem a misteriosa habilidade de enxergar o lado interior das coisas e de nos assegurar de que há mais em nossa experiência do mundo do que possamos conceber. Seria uma sensação de premonição de que há sempre mais a experimentar e mais naquilo que experimentamos do que podemos vaticinar. A imaginação pode ser um veículo para a criatividade, pois esta lida com os objetos apenas como possibilidades, não se atendo a suas características reais. A liberdade do ato imaginativo possibilita a observação do mundo por diversas perspectivas, que tomam forma através da imagem mental, podendo ser exteriorizadas por meio de diversas atividades culturais. Essa liberdade propiciada pelo ato da imaginação, de ver o mundo como possibilidade, é entendida por nós como a razão de sua relação com o ato criativo. A capacidade de criar e adotar metáforas é considerada uma ferramenta cognitiva fundamental que molda nossa compreensão do mundo. A criatividade linguística desempenha um papel crucial na evolução da linguagem, especialmente quando se considera a metáfora como recurso precioso para a inovação linguística e para a comunicação. A capacidade de criar e entender metáforas, mesmo que literalmente falsas, é uma habilidade distintivamente humana (RICOEUR, 2011). Os ouvintes humanos estão dispostos a aceitar ficções, habitantes da imaginação, como meios informativos e interessantes. Ao focar nos estados mentais, os seres humanos desenvolveram uma forma única de comunicação que vai além das limitações observadas em outros primatas. A metáfora, que é intrinsecamente uma declaração falsa do ponto de vista literal, é uma ferramenta linguística essencial que permite expressar

pensamentos abstratos e contribui para observarmos o mundo de diferentes ângulos.

5.2 INOVAÇÕES LINGUÍSTICAS QUE SURGEM DA IMAGINAÇÃO CRIATIVA – NOSSOS DIAS

Embora o tamanho absoluto do cérebro não tenha mudado drasticamente nos últimos milhares de anos, a cultura humana, a tecnologia e a sociedade têm permitido o desenvolvimento de habilidades cognitivas avançadas, como linguagem complexa, pensamento simbólico e resolução de problemas abstratos. Assim, embora o tamanho do cérebro em si permaneça relativamente estável, a capacidade cognitiva dos seres humanos modernos é incomparavelmente mais complexa do que a de nossos antepassados mais distantes (DURAND, 1999). Assim, ao longo da história, a linguagem evoluiu através da exploração de conceitos abstratos, enriquecendo-se com a imaginação, ficção e uma compreensão mais profunda da realidade. A história da tecnologia é um testemunho do poder da imaginação humana. Desde a invenção da escrita, passando pela imprensa de Gutenberg, até a era digital atual, a tecnologia tem sido um catalisador para a inovação linguística (Ong, 1982). A internet, por exemplo, deu origem a novas formas de comunicação e expressão linguística, como memes, emojis e gírias da internet (McCulloch, 2019). Ao longo dos séculos, essa busca incessante por inovação levou a uma série de descobertas e invenções que revolucionaram a forma como vivemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. A linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo de inovação, fornecendo um meio poderoso para expressar e comunicar ideias abstratas e complexas. Recursos linguísticos como metáforas, figuras de linguagem e estruturas narrativas são utilizados para dar vida às nossas criações e transmitir conceitos abstratos de forma acessível e envolvente (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Por meio desses recursos, podemos explicar conceitos complexos de maneira simplificada e compreensível, facilitando assim o entendimento e a disseminação de novas ideias.

Com o advento da imaginação criativa, o homem foi capaz de criar uma variedade de coisas que anteriormente eram consideradas impossíveis. Desde os tempos antigos até os dias de hoje, a imaginação tem sido responsável por inúmeras inovações e descobertas que moldaram a sociedade e impulsionaram o progresso humano (JOHNSON, 2010). A invenção da roda, por exemplo, transformou radicalmente o transporte e a logística, enquanto a descoberta da eletricidade possibilitou o desenvolvimento de novas formas de comunicação e energia.

Além das inovações tecnológicas, a imaginação também deu origem a uma série de conceitos abstratos que moldam nossa compreensão do mundo. Empresas, leis e instituições sociais são todas criações da imaginação humana que desempenham um papel fundamental na organização e funcionamento da sociedade moderna (DURAND, 1999, 2014). Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que nem todas as inovações da imaginação são benéficas ou positivas. Ao longo da história, vimos exemplos de como a imaginação pode ser usada para promover agendas de poder e controle, resultando em conflitos e injustiças (ARENDETT, 1958). A criação de novas habilidades e inovações, seja através da ciência ou da exploração de recursos naturais, tem sido impulsionada pela imaginação criativa dos seres humanos, possibilitando o avanço em direção ao desconhecido e promovendo mudanças sociais e econômicas significativas (DURAND, 1999). No entanto, é importante reconhecer que a imaginação também pode ser usada para promover divisões sociais e conflitos, criando ideias de "outro" e perpetuando desigualdades (DURAND, 1999). As ilusões tecnológicas criadas pela imaginação humana podem ter efeitos tanto positivos quanto negativos na sociedade. Por um lado, contribuem para o progresso científico e tecnológico, impulsionando a inovação e o desenvolvimento. Por outro lado, também podem ser utilizadas para criar armas potentes e promover agendas de poder que podem resultar em danos significativos para a humanidade.

Os recursos linguísticos que surgem da imaginação criativa são vastos. A metáfora, por exemplo, é uma poderosa ferramenta linguística que permite que conceitos abstratos sejam entendidos em termos mais concretos (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Através da metáfora, somos capazes de "ver" o tempo, "segurar" uma ideia ou "viajar" através de um

argumento. A imaginação também desempenha um papel crucial na criação de neologismos - novas palavras ou expressões. Muitos neologismos de hoje são o resultado de nossa interação com a tecnologia. Palavras como “googlar”, “tuitar” e “textear” são exemplos de como a tecnologia influencia a maneira como falamos e escrevemos (CRYSTAL, 2012). Além disso, a imaginação criativa tem permitido a emergência de novas formas de linguagem que transcendem as barreiras linguísticas tradicionais. A linguagem de programação, por exemplo, é uma forma de linguagem que foi criada para permitir a comunicação entre humanos e máquinas. Esta linguagem, embora baseada em regras lógicas e matemáticas, é um produto da imaginação humana (KNUTH, 1997).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, a mente e a consciência nos permitem ver a representação da coisa-em-si. Esta, entretanto, não tem nada que ver com a mente ou consciência. É uma força impessoal que Schopenhauer chama de vontade (SCHOPENHAUER, 2021). O filósofo emprega este termo porque a Vontade é a experiência direta mais próxima que podemos ter disso. É a Vontade o motor de nossas vidas. É importante notar, aqui, que a coisa-em-si, segundo Schopenhauer, é incognoscível, mas experienciável, no que ele também se afasta de outros autores. Por outro lado, o filósofo se aproxima do pensamento oriental, hinduísta e budista, que, pela via religiosa, chega às mesmas conclusões que Schopenhauer chegou: o mundo sensível é uma ilusão. Poderíamos dizer que enquanto espécie somos grandes criadores de ilusões? As palavras ilusão, mentira, farsa estão intrinsecamente ligadas e podem ser revisitadas pela palavra imaginação. Não somos nós os melhores em forjar o desconhecido a procura de algo real que nos dê sentido? A linguagem serve como uma mediadora entre a imaginação e a ficção que criamos, iludindo a nós mesmos com “coisas” as quais passamos a fazer parte com a realidade do nosso mundo. A palavra mentira até pode fazer parte da representação de mundo que criamos em diferentes esferas, mas até certo ponto, se concretizamos a nossa imaginação para que ela se torne parte do mundo material em que vivemos, ela passa a não ser mais uma mentira. Basta que

acreditemos que aquilo é real e, através dos tempos, temos sido notáveis em adquirir ferramentas suficientemente engenhosas para que isso se torne verdade: Uma delas é o pensamento. Pensar implicou desenvolver narrativas internas que foram capazes de nos transportar de um lugar para outro, de acreditar em deuses que não podemos ver e de engendrar estratégias de caça e de coleta para a vida em sociedades. Mas o que aconteceu nas estruturas neuronais do *homo sapiens* para que isso fosse possível? Já sabemos que o nosso cérebro não mudou desde o nosso ancestral comum mais próximo e podemos dizer que as nossas redes neurais muito se parecem com as do *sapiens* paleolítico, por exemplo. Alguns dizem que foi o aumento de massa do nosso cérebro, outros argumentam que descobertas imprescindíveis como o manuseio do fogo e a subsequente descoberta de que os alimentos poderiam ser cozinhados foi o que nos deixou ainda mais sábios, outros dizem que aos poucos fomos ganhando novas sinapses com a transformação da linguagem diante do coletivo e das relações interpessoais. Não sabemos ao certo o que nos fez mais propícios a imaginar ou criar universos cheios de criatividade e que nos auxiliaram na vida cotidiana e alarmante da pós-modernidade, mas de uma coisa podemos falar com propriedade: a capacidade de imaginar e ficcionalizar o mundo relaciona-se ao desenvolvimento da língua e deu-nos a capacidade de criar imagens que recheiam a nossa realidade cotidiana.

A hipótese apresentada neste trabalho sugere que a imaginação pode ter surgido antes da linguagem, servindo como uma espécie de catalisador para o desenvolvimento da linguagem. Esta ideia desafia a visão convencional de que a linguagem é um pré-requisito para o pensamento complexo, sugerindo em vez disso que a capacidade de imaginar e criar representações mentais pode ter sido o impulso inicial para o desenvolvimento da linguagem (EKLUND, 2007). Este trabalho destacou a importância da ficção no processo histórico-evolutivo. A habilidade de criar “conhecimentos ficcionais” permitiu ao ser humano ir além das estruturas mais simplificadas e organizadas do cérebro, gerando mundos de possibilidades que justificam nossa ânsia pelo novo. A ficção, portanto, desempenha um papel crucial na nossa capacidade de inovar e adaptar-se a novos desafios que culminaram na evolução das nossas capacidades cognitivas, crescimento exponencial de sinapses, criação de imagens a partir de novas associações neurológicas etc. A imaginação desempenha um papel crucial na construção da identidade pessoal e cultural de cada

indivíduo. Ao reordenar imagens percebidas, a imaginação cria uma dimensão possível, reordenando imagens e proporcionando ao homem uma relação com a ficção como uma estrutura aberta, pronta para ser preenchida por novas ideias. Esta capacidade de imaginar tem sido uma força motriz na evolução humana, permitindo-nos adaptar-nos e prosperar em um mundo em constante mudança.

Ainda há muito a ser explorado neste campo, e este trabalho é apenas o começo. À medida que continuamos a investigar a interseção entre imaginação, ficção e linguagem, podemos esperar descobrir quem somos e quais mecanismos influenciam na maneira como criamos, pensamos, recordamos e vivemos a vida, afinal, não há quem não se pergunte de onde tiramos tantos pensamentos complexos e revolucionários, exercendo sob o mundo uma influência poderosa. Mais do que isso: nenhum outro animal na história evoluiu a ponto de transformar totalmente o mundo a sua volta como nós fizemos. E isso, devemos à imaginação.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, H. (1958). ***The Human Condition***. University of Chicago Press.

ARISTÓTELES. ***Mimesis e Phantasia na Poética de Aristóteles: Um estudo sobre o estatuto da representação artística no pensamento aristotélico***. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

ARISTÓTELES. ***Poética***. Tradução de Malcolm Heath. Londres: Penguin, 1996.

AVENS, Roberts. ***Imaginação e Realidade***. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. ***Teoria do romance III: O romance como gênero literário***. Tradução de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BACHELARD, Gaston. ***O espaço é a flor azul do imaginário: Gaston Bachelard e Walter Benjamin em Paris – a descoberta de uma paisagem literária***. ED. SFT, 1993.

BORGES, J. L. ***Siete Noches***. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1981.

BOWCOCK, A. M. ***High resolution of human evolutionary trees with polymorphic microsatellites***, 1994.

BRANN, E. ***The World of the Imagination: Sum and Substance***. Savage, MD: Rowman & Littlefield, 1991.

CAMPBELL, J. ***O Herói de Mil Faces***. 3. ed. Novato, CA: New World Library, 2012.

CASEY, E. S. ***Imagination, Imagining and the Image, Philosophy and Phenomenal Research***, 31, 475-490, 1971.

CASTORIADIS, C. ***A Instituição Imaginária da Sociedade***. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. ***A Criação Imaginária***. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1992.

CHOMSKY, N.; FITCH, T. ***The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?*** *Science*, v. 298, p. 1569-1579, 2002.

COLERIDGE, S. T. (Samuel Taylor). ***Poemas e excertos de Biografia Literária. Introdução, seleção, tradução e notas de Paulo Vizioli***. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

CORTÁZAR, Julio. ***Aulas de literatura. Berkeley, 1980***. Tradução de Fabiana Camargo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CRUZ, M. N. ***Imaginário, imaginação e relações sociais: reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico***. Cadernos CEDES, v. 35, n. spe, 2015.

DARWIN, Charles. ***A Origem das Espécies***. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 2018.

DESCARTES, R. ***Meditações sobre filosofia primeira***. Tradução de F. Castilho. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DESCARTES, R. ***Meditações***. L&PM, 2015.

DONALD, M. ***Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition***. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

DURAND, Gilbert. ***As estruturas antropológicas do imaginário***. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. ***O Imaginário: Ensaio sobre a Ciência e a Filosofia da Imagem***. Ed 1, 1999.

EKLUND, R. ***Imagination and Creativity***. Philosophical Psychology, 20(3), 361-379, 2007.

EKLUND, R. ***Pulmonic Ingressive Phonation: Diachronic and Synchronic Characteristics, Distribution and Function in Animal and Human Sound Production and in Human Speech***. Journal of International Phonetic Association, v. 36, n. 3, p. 239-324, 2007.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. ***Uma História da Imaginação***. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 1ª ed. São Paulo: Editora Planeta, 2021.

FOUCAULT, Michel. ***A propósito da genealogia da ética: uma visão do trabalho em curso***. Ditos e Escritos. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

FREUD, Sigmund. ***A Interpretação dos Sonhos***. L&PM Editores, 2019.

FREUD, Sigmund. ***O Futuro de uma Ilusão***. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GAUT, Berys. ***Art as a Cluster Concept***. In: CARROLL, N. (Ed.). *Theories of Art Today*. Madison: University of Wisconsin Press, 2000.

GEHLEN, A. ***Pesquisa Antropológica. Sobre o Encontro e a Autodescoberta do Homem***. Munique: Rowohlt, 1961.

GEHLEN, Arnold. ***Antropologia filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo***. Barcelona: Ed. Paidós, 1993.

HARARI, Yuval Noah. ***Sapiens: Uma Breve História da Humanidade***. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ISER, Wolfgang. ***O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária***. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013.

ISER, Wolfgang. ***The Fictive and the Imaginary***. New York: The Johns Hopkins University Press, 1993.

ISER, Wolfgang. ***The play of the text. Tristram Shandy***. Trad. David Henry Wilson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

JERRISON, Harry J. ***Evolution of The Brain and Intelligence***. 1. ed. [S.l.]: Academic Press, 2012.

JUNG, C. G. ***Obras Completas***. Ed Hilman. Ed: Base, 1945.

KAUFMANN, F. & HEIDER, F. ***On Imagination, Philosophy and Phenomenological Research***, Vol. 7 No 3, p. 369-375, 1947.

KOSSLYN, S. M. ***Mental Imagery***. In: KOSSLYN, S. M.; Osherson, D. N. (Eds.). *Visual cognition: An invitation to cognitive science*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

LACAN, J. ***O Seminário II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise***. Editora Seuil, 1978.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. ***Metaphors We Live By***. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LÉVI-STRAUSS, C. ***O Pensamento Selvagem***. São Paulo: Editora Nacional, 1962.

LÉVI-STRAUSS, C. ***Mythologiques I-IV***. Paris: Plon, 1964.

LEAKEY, R. E. ***A origem da espécie humana***. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LIMA, L. C. ***Imaginação Literária***. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MITHEN, S. ***The Prehistory of the Mind: The Cognitive Origins of Art, Religion, and Science***. Thames & Hudson, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich W. ***Fragmentos Póstumos: 1885-1887: Vol. VI***. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

PAIVIO, Allan. ***Mind and its evolution: A dual coding theoretical approach***. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2007.

PINO, A. ***A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana***. Pro-Posições, Campinas, v. 17, n. 2(50), p. 47-69, ago. 2006.

PLATÃO. ***A República***. Tradução de Desmond Lee. 2. ed. Londres: Penguin, 2007.

REULAND, Eric; ABRAHAM, Werner. ***Knowledge and Language: Volume II Lexical and Conceptual Structure***. SpringerLink Book, 1989.

RICHARDS, I. A. ***Coleridge na imaginação***. 1 ed. Indiana University Press, 1960.

RICOEUR, Paul. ***Tempo e Narrativa - vol. 1: A intriga e a narrativa histórica***. Tradução de Claudia Berliner. 1 ed. Martins Fontes, 2011.

SADOSKI, M.; PAIVIO, A. ***Imagery and Text: A Dual Coding Theory of Reading and Writing***. 1. ed. New York: Routledge, 2000.

SANTOS, R. Y. ***Estudos da Linguagem e Mente Corporificada: Uma Nova Proposta Gramatical***. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. ***A imaginação***. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução de José Francisco Botelho. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia, 2016.

TAKAYA, Keiichi; **On the Connections Between Imagination and Education: Philosophical and Pedagogical Perspectives**, 2004.

TATTERSAL, I. **The Origin of the Human Capacity**. No. 68, 1998. Editora: Franklin Classics.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge: MIT Press, VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **El problema de la edad**. In: VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas Tomo IV**. Madrid: Visor, 1996. P. 251-273.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and Language**. MIT Press, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **The Way to Freedom - On the Publication of Documents from the Family Archive of Lev Vygotsky**. Prepared for publication and with comments by Ekaterina Zavershneva. **Journal of Russian and East European Psychology**, 2010.

VYSHEDSKIY, Andrey. **Language evolution to revolution: the leap from rich-vocabulary non-recursive communication system to recursive language**. Research Ideas and Outcomes, 2019.

WINNICOTT, D. W. ***Os Processos de Maturação e o Ambiente Facilitador.***
Oxford University Press, 2016.